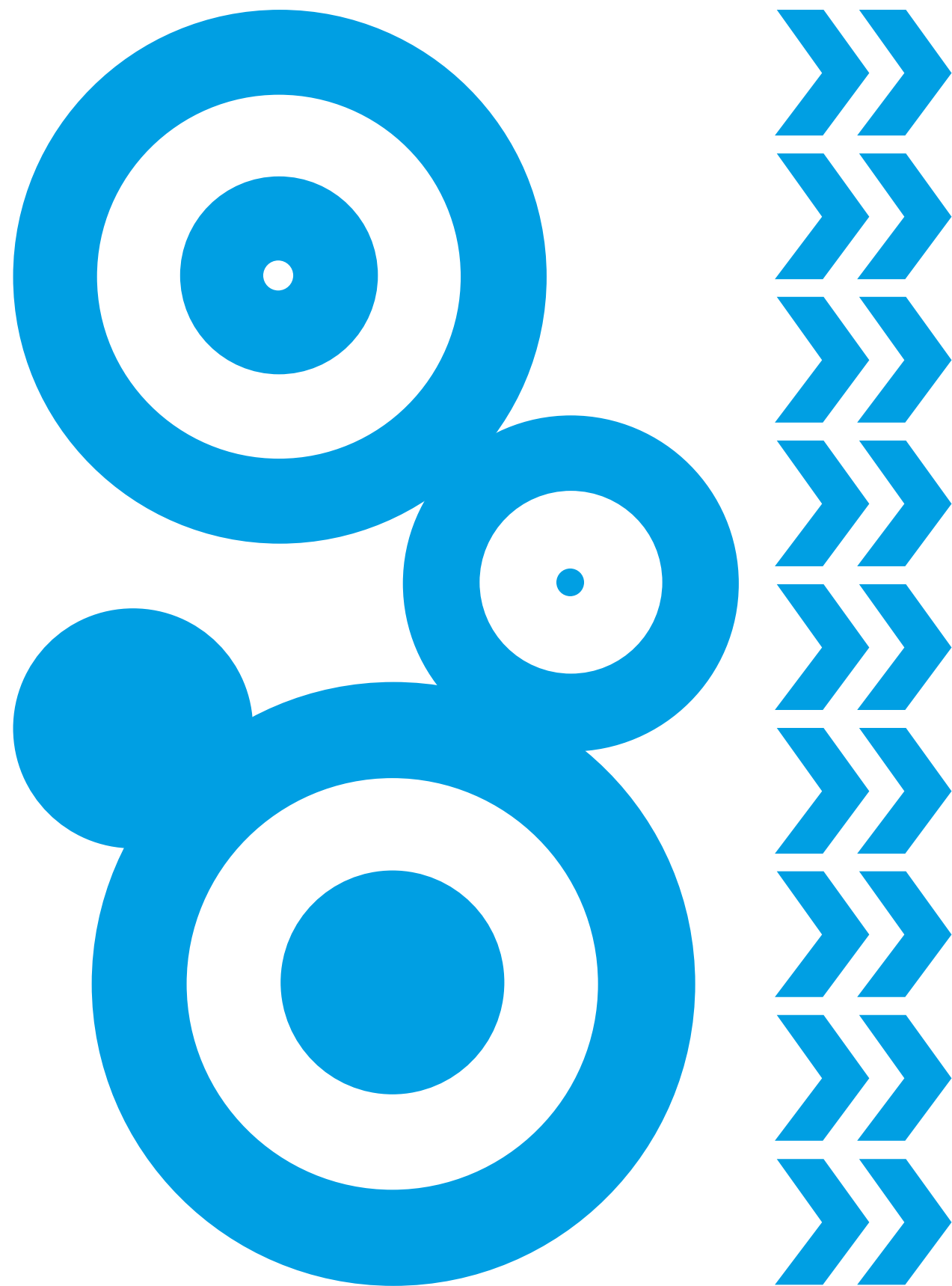


Julho 2017 250 exemplares 44 páginas
www.usp.br/cje/babel fb.com/arevistababel

babel

vol. 3



Edição

Quando esta edição da Revista Babel começou a ser pensada, ficou decidido que não haveria um tema, um fio condutor das matérias e pautas. Isso talvez a engessasse um pouco: boas reportagens ficariam de fora. Claro que não era este o desejo.

Em tempos de um Brasil - e um mundo - cada vez mais dinâmico, é como se cada um tivesse escolhido um tema pelo qual lutar. Tem quem lute na política tradicional, quem se envolveu com movimentos e coletivos, como o feminismo, quem milita pelo reconhecimento de uma profissão...

No final, porém, todas essas pessoas têm um objetivo comum: melhorar o mundo em que vivem. Seja no seu microcosmo, na sua profissão, no seu grupo, ou até no seu país como um todo. Todas essas pessoas olham para o **futuro** e sonham com ele. Esse acabou sendo o ponto em comum da nossa edição.

Você vai conhecer, por exemplo, os rostos de um grupo de pessoas que acha que a melhora do país passa pela eleição presidencial de 2018. Quem são os Onze por cento que defendem Jair Bolsonaro na presidência da República? E por que eles acham que o país vai melhorar com isso? Polêmicas à parte, uma coisa é certa: são pessoas desgostosas do país em que vivem, mas que enxergam um futuro melhor caso o deputado venha a vestir a faixa verde e amarela.

Ao conhecer a história de Camila, você vai ver que ela não escolheu ser uma doula por acaso. Depois de passar por uma gravidez inesperada e cheia de problemas e medos, ela decidiu que poderia ajudar outras mulheres a terem uma experiência pré-natal mais tranquila. Trabalho de formiguinha, como dizem, não são poucas as dificuldades que ela enfrenta no caminho que escolheu trilhar. Mas a certeza de que pode ajudar o futuro de alguém traz as melhores recompensas.

Tem também quem jogou tudo para o ar, literalmente, e foi para o wingsuit, que você certamente conhece como aqueles “esquilos-humanos”, pessoas que voam com ajuda de um macacão com asas e da gravidade. Eles também pensam no futuro. Sendo um dos esportes com a maior taxa de mortalidade, seus praticantes encaram “cada segundo como se fosse o último” e veem a vida de um jeito diferente.

E, bom, falar de futuro também é impossível sem pensar em crianças. E aqui se verá também a história de uma menina que já tem certeza do seu caminho: serei ginasta. Talvez hoje ela encare toda a sua rotina de treinos como um “parque de diversões”. Só o tempo dirá no que isso vai se tornar.

Isso sem falar nas outras tantas matérias desta edição. Os profissionais das apostas esportivas, como prever o futuro através de fórmulas matemáticas; a Goma Gringa, dois franceses unidos pelo destino em torno da música brasileira; os adultos entusiastas do LEGO, que salvaram a empresa da falência e não têm vergonha nenhuma de se divertir; e os Neuróticos Anônimos, pessoas “doentes da alma” e que ajudam umas às outras a ter uma vida melhor.

Em resumo: esperamos que você aprecie esta edição, conhecendo as expectativas de futuro de tantas pessoas e para tantas áreas.

Boa leitura!

J
♥♥
I

Onze por cento

Jair Bolsonaro coleciona votos

por Vinícius Andrade

Pouco antes das nove horas da noite do dia 17 de abril de 2016, o painel eletrônico do plenário da Câmara dos Deputados indicava, até aquele momento, quatro abstenções, 76 votos contrários e outros 235 favoráveis à abertura do processo de impedimento da ex-presidente da República, Dilma Vana Rousseff, quando o então presidente da Casa, Eduardo Cosentino da Cunha, convocou o próximo parlamentar a tornar público seu voto. “Neste dia de glória para o povo brasileiro, tem um nome que entrará para a história nesta data, pela forma como conduziu os trabalhos nesta casa. Parabéns, presidente Eduardo Cunha”, foram as palavras iniciais escolhidas pelo deputado do PSC, do estado do Rio de Janeiro. Nesse instante, vaias e aplausos se misturaram, levando Cunha a intervir: “Como vota, deputado?”. E o deputado prosseguiu, desta vez com o dedo indicador direito em riste: “Perderam em 64, perderam agora em 2016. Pela família e pela inocência das crianças em sala de aula, que o PT nunca teve. Contra o comunismo. Pela nossa liberdade. Contra o Foro de São Paulo. Pela memória do coronel Carlos Alberto Brilhante Ustra, o pavor de Dilma Rousseff”. Contudo, no instante em que o falecido ex-chefe comandante do Destacamento de Operações de Informações do Centro de Operações

de Defesa Interna foi mencionado, as vaias se intensificaram e o presidente da Câmara precisou reforçar: “Como vota, deputado?”. “Pelo exército de Caxias, pelas nossas forças armadas. Por um Brasil acima de tudo e por Deus acima de todos, o meu voto é sim”, finalizou Jair Messias Bolsonaro, 62, ampliando a diferença no marcador.

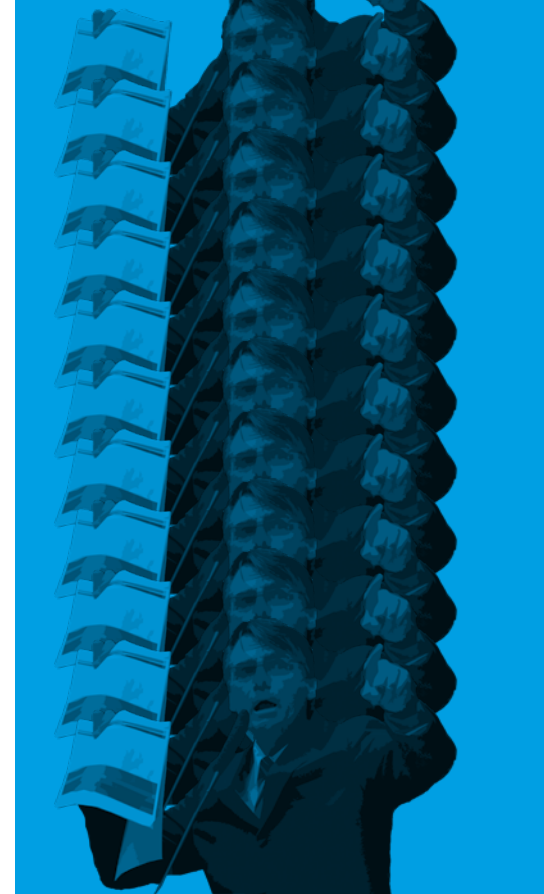
“Mais uma vez, Jair Bolsonaro não me decepcionou”, diz Fernanda Zopolato, 20, que acompanhava a votação pela televisão, em sua casa no bairro da Vila Mariana, na zona centro-sul da cidade de São Paulo. “Não só pelo voto, mas por suas palavras, porque, por mais que as pessoas não concordem, ele fala. E por mais que isso traga um prejuízo, ele fala mesmo assim”. Fernanda, cabelos castanho-escuros e olhos esverdeados, é estudante do terceiro ano do curso de direito, participou de todas as grandes manifestações favoráveis ao impeachment de Dilma Rousseff em São Paulo, entre 2015 e 2016, e começou a acompanhar o trabalho de Bolsonaro há quatro anos, quando ainda estava no segundo ano do ensino médio. “Na verdade, eu sou uma das únicas pessoas que pensam que o Bolsonaro tem que falar tudo mesmo. Tenho muitos amigos que são de direita e também gostam dele, mas acham que ele tem

que ter algum filtro, para não perder voto. Eu acho que não, esse é o seu diferencial”. A estudante faz parte dos 11% dos eleitores que votariam no parlamentar na eleição presidencial de 2018, de acordo com o cenário cheio do levantamento feito pelo Datafolha no final do último mês de abril, que conta com todos os nomes que têm sido especulados para a disputa.

Em um café na zona oeste da cidade de São Paulo, exatamente um ano após o dia que marcou a abertura do impeachment de Dilma na Câmara, Fernanda aguarda o início do horário de trabalho no escritório de advocacia em que estagia. São 9h47, o céu está parcialmente nublado e o termômetro se aproxima dos 21 graus. A estudante, que diz sempre entrar em discussões para defender Jair Bolsonaro – nas redes sociais, na sala de aula e também nas reuniões familiares –, acabou sendo excluída da conta no Facebook de sua tia materna, que é de extrema esquerda e tem três filhos. “Os dois mais velhos também são de esquerda, mas meu primo mais novo, de 17 anos, gosta do Bolsonaro. Não assume porque teria uma briga muito forte ali”, revela a jovem, na iminência de esboçar um sorriso. Além da ausência de filtros do político, que às vezes “dá a corda para ser enforcado pela mídia”, Fernanda também destaca o fato de Jair não ser conhecido por estar envolvido em escândalos de corrupção. “Ele se orgulha disso”, mas, ao mesmo tempo, “acha que é um dever”. “O grande problema do Brasil é a crise moral. As pessoas estão desacreditadas. Para a gente, é comum ligar a televisão e ver que um cara roubou R\$ 15 milhões. Na política, há bons políticos além dele, mas o que me fez acreditar que o Brasil ainda tem jeito foi a figura do Bolsonaro.”

“Parece que só o Bolsonaro não está na lista do Fachin”, afirma Luiz Augusto Garcia Ferreira, 50, contador e torcedor do Juventus. “Também comentaram que o baixíssimo clero do Congresso não foi citado, aquele que não cheira nem fede, zero à esquerda”. Ferreira é sócio do Círculo Militar desde 1968 e aceitou conversar comigo em um dos restaurantes internos do clube, quatro dias após o ministro Edson Fachin, relator da Lava Jato no Supremo Tribunal Federal, determinar a abertura de inquérito contra oito ministros do governo de Michel Temer, 24 senadores e 39 deputados federais. “Não dá para confiar em ninguém, nenhum partido político. Mesmo se você falar em democracia, partido político, o Brasil tem que rever tudo isso aí. Uma intervenção militar? Não sei. Seria bom? Talvez não, talvez sim. Mas uma mudança radical nessa política.”

Pai de dois filhos, Heitor - bicampeão brasileiro em sua categoria no arco e flecha - e Vital - o mais velho, estudante de fisioterapia -, Luiz adora política e adora xingar. Quem você xinga mais? “Esquerdinha festiva”. Ele costuma dividir os indivíduos que se localizam à esquerda do espectro político em três categorias: a esquerda “festiva” ou “caviar”, representada pelos políticos “que se dizem de esquerda, mas moram nos melhores lugares, comem as melhores comidas e não conhecem realmente os problemas do povão”, a esquerda “baixa”, representada pelos sujeitos “que



nunca trabalharam e se jogaram em um sindicato”, e “os pobres e trabalhadores, que, se dependerem do sindicato, vão morrer na praia.”

“Se o impeachment foi golpe, se não foi golpe, foi um mal necessário”, resume Ferreira, que conta ter anulado seu voto nas duas últimas eleições presidenciais. “Do jeito que o governo vinha trabalhando, com as atitudes econômicas que estavam sendo tomadas, o Brasil estava derretendo, com 13 milhões de desempregados, inflação de dois dígitos. Dilma falou em estocar vento, que criança parece um cachorro. As barbaridades que ela falou. Eu li, eu vi.”

O país melhorou com Michel Temer no poder? “Deu uma pequena melhoria, mas não deu a melhora que seria necessária para uma retomada, devido ao PMDB também estar alinhado ao PT. Quando passar essa história da Lava Jato e todos estiverem em cana, é capaz de entrar alguém que comece a fazer as coisas corretas”. Por conta do convívio dentro do clube, Ferreira diz ter tomado cerveja e disputado partidas de sinuca com diversos personagens do regime militar. “Você vê na televisão a história da ditadura, aí você senta e escuta o outro lado.

“A gente até brinda: ‘esquerda e direita!’.”

Se todo mundo tivesse a mesma posição, esse país era uma merda, filho.”



Graças a Deus, eu tive a chance de escutar o outro lado da ditadura”. Pouco após às 11 horas da manhã do terceiro sábado do último mês de abril, Luiz relembra as histórias contadas, anos antes, por um tenente brigadeiro do ar que foi piloto de Jânio Quadros, viajou junto com Tancredo Neves para encontrar João Goulart no Uruguai e foi braço direito de João Baptista Figueiredo. Ferreira só interrompe o caso para se dirigir a um dos funcionários do estabelecimento: “Ô Osvaldinho, traz uma cerveja para mim, fazendo favor? Ah, Heineken não, traz qualquer uma. Cerveja é cerveja, filho. Pode ser Original.”

Luiz é dono de uma conversa fácil e faz questão de cumprimentar cada conhecido que está dentro de um raio de 20 metros. Lembra o nome dos familiares, comenta a última rodada do futebol e sempre está marcando um novo almoço ou café para a próxima semana. Confessa nunca ter chegado às vias de fato por conta da discussão política. “No Juventus, tem uma torcida que é totalmente de esquerda. E eu não sei como eles me suportam. Mas, no final, a gente é ‘ódio eterno ao futebol moderno’ e ‘Juventus em primeiro lugar’, é um baita de um respeito”. Um de seus amigos de cerveja é “um baita comunista”. “Mas ele é tão comunista, que fala que o Lula é um filho da puta. Ele tem conhecimento, então é um cara que a gente tem que respeitar. A gente até brinda: ‘esquerda e direita!’. Se todo mundo tivesse a mesma posição, esse país era uma merda, filho.”

No mesmo dia da abertura do impeachment, a aproximadamente 873 quilômetros, em linha reta, da sessão vespertina no Congresso Nacional em Brasília, os milhares de indivíduos que se aglomeravam em frente ao telão instalado próximo ao prédio da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo,

na Avenida Paulista, não conseguiram escutar os 53 segundos do voto de Bolsonaro. Apesar de a imagem permanecer mostrando o parlamentar - cabelos pretos penteados rigorosamente à esquerda -, um canto uníssono, repetindo constantemente as duas sílabas da palavra “mito”, ecoava pela região central da cidade de São Paulo. Seria Bolsonaro, de fato, um mito? “Ele é um cacique relevante, que tem uma baita de uma força dentro do Congresso. O Brasil está tão pobre de ver pessoas honestas, que Bolsonaro virou mito. Não acho que seja mito, é simplesmente uma pessoa correta”, diz Ferreira. Para Fernanda, “criaram essa figura porque ele se diferencia muito das outras pessoas no meio político. Bolsonaro não foge muito do debate, mesmo que fale com alguém que entenda mais do que ele.”

“Pegando uma referência bíblica, você tem a figura de Noé, que era justo em uma época em que todo mundo era corrupto. Há uma opinião que diz que, se tivesse vivido em outra época, Noé não seria justo, seria uma pessoa normal. Se Bolsonaro estivesse em uma conjuntura com mais cinco políticos honestos como ele, não teria tanta expressão”, diz Carlos Teixeira (nome fictício), 23, judeu ortodoxo não-reformista que pediu para não ser identificado. Paulistano, Carlos é rabino e aposta suas fichas em um desfecho favorável para Jair Bolsonaro na corrida presidencial de 2018. “As pessoas estão cansadas de um político que fala a, mas faz b. Muitas pessoas querem uma pessoa diferente, que não vai ser aquela velha história de PT, PMDB e PSDB, que não está envolvida nesse establishment”, disse, em um café no bairro de Higienópolis, a alguns metros do local onde mora.

No vigésimo dia deste ano, Carlos esteve in loco na posse de Donald John Trump como 45º presidente dos Estados Unidos da América, em Washington, na companhia de um outro amigo. No Inauguration Day, os dois acordaram às 6 horas da manhã, pegaram um trem e chegaram alguns minutos após o início da cerimônia. Conseguiram ficar perto? “Não, a gente estava lá atrás. A gente não tem essa sorte”, brinca Teixeira. “Nunca vi coisa parecida na minha vida. Nem escutei o discurso dele”. Carlos faz questão de explicar que não é trumpista, mas que prefere o republicano à alternativa democrata, representada no último pleito por Hillary Clinton. “Estamos vivendo um problema muito sério, que é a crise de refugiados. Devemos receber refugiados? Em certo ponto, sim, são seres humanos. Mas é muito difícil abrir todas as porteiças. Trump, nos EUA,

Le Pen, na França, e Bolsonaro querem acabar com isso. Os ânimos convergem para levar um cara assim ao poder, e eu acredito piamente que Bolsonaro vai se candidatar e ser eleito em 2018. Eu apostei no Trump quando todo mundo falou que eu era louco.”

Três meses após o início do governo Trump, as urnas francesas levaram o centrista Emmanuel Macron e a nacionalista Marine Le Pen ao segundo turno da eleição presidencial. Macron, com 66,1% dos votos, foi o escolhido para suceder François Hollande. “Ah, se a Le Pen ganhasse, arrebentaria a boca do balão. Você já viu as entrevistas dela em cima da imprensa? Ela fala: ‘vocês são fake, meu’”, diz Luiz, emendando: “acho que isso é cíclico. Agora é a hora da direita. Por isso que o Bolsonaro tem grandes chances aqui. Trump, Le Pen. Os malucos do pedaço [risos]. E Bolsonaro é mais um maluco”.

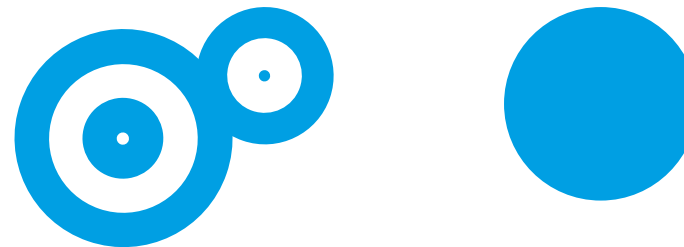
Em seus quase 30 anos no cenário político brasileiro, Bolsonaro também coleciona polêmicas. Uma das mais recentes envolveu sua palestra na sede do clube Hebraica em São Paulo. Após alguns grupos terem se posicionado contra a realização do evento, a fala do deputado foi desmarcada. Carlos Teixeira, no entanto, fez questão de apoiar a manutenção da palestra: “O Lula tem direito de ir ao Hebraica, o Ciro Gomes tem direito de ir ao Hebraica e o Bolsonaro tem direito de ir ao Hebraica. Todo mundo tem direito. Se a gente for cercar a democracia, acaba virando os vilões de 1964”. Após o cancelamento na capital paulista, o Hebraica do Rio de Janeiro fez um outro convite para Bolsonaro, que aceitou e não fez a mínima questão de distanciar-se do tom usual de seus discursos. Referindo-se a um afrodescendente, disse: “acho que nem para procriador ele serve mais”. Além disso, garantiu que, se alcançar a presidência, “não vai ter um centímetro demarcado para reserva indígena e para quilombolas”. Acerca dos próprios filhos, disparou: “foram quatro homens, a quinta eu dei uma fraquejada e veio uma mulher.”

Em relação à última fala, Fernanda garante não ter enxergado problema algum. “Ele fez uma brincadeira. Se meu pai fizesse essa brincadeira, não veria um problema. As pessoas colocam muita força em brincadeiras que não têm força nenhuma”. De São Paulo, Carlos acompanhou a palestra em



transmissão feita em tempo real pela página de Eduardo Bolsonaro, filho de Jair, nas redes sociais. “Não gostei nada da questão indígena e da questão dos quilombolas. Vindo de um povo que foi perseguido, não posso aturar que outro povo seja perseguido, sem motivo aparente”, afirma o rabino, que diz não gostar de adjetivar ninguém. “Não acredito que Bolsonaro seja misógeno, fascista. Não gosto disso, nem para candidatos de direita, nem de esquerda. Meu pai nasceu em um campo de refugiados. Ninguém é melhor do que ele para saber o que é fascismo de verdade.”

Uma das discussões que une as expectativas de Carlos, Fernanda e Luiz para o próximo presidente da República gira em torno da segurança. “Sou a favor do armamento da população, porque acho que quem não deveria estar armado já está armado”, diz Fernanda. Carlos também acredita que o cidadão deva ter o direito de portar uma arma e destaca as políticas de Bolsonaro referentes à segurança nacional, como a ampliação das forças armadas: “O brasileiro pegou repulsa por governo militar, as forças armadas acabaram sendo sucateadas demais e acho que isso é lesivo para qualquer país. Morei em Israel, que é o país mais militarizado do mundo. Lá, a taxa de homicídios é de cerca de 81 mortos por ano. As forças armadas são muito benéficas em diversos aspectos, e o Brasil perde nisso.”



Com o filho mais velho concentrado nos estudos para o Test of English as a Foreign Language, exame que pode facilitar os planos de Vital para uma eventual admissão em uma universidade norte-americana, Luiz garante que só está no Brasil, atualmente, porque seu pai não teve dinheiro para pagar algum estudo em terras estrangeiras. “Se a gente tem oportunidade e dinheiro, não vou negar para os meus filhos”. “Nos EUA tem uns malucos? Tem. Tem uns caras que saem atirando na faculdade? Tem. Mas se pegar índice disso e daquilo no Brasil, não dá para comparar. Você sabe como a banda toca por lá. Lá tem lei”. No Círculo Militar, Luiz veste uma camiseta esportiva branca, da seleção norte-americana de basquete. “Minha mulher fala que, qualquer dia, vão chegar lá na migração, chamar a gente de canto e falar: ‘tudo bem, vocês vão entrar, mas não tem um lugar novo para ir, não? Vocês não têm uma entrada na França, Alemanha?’”, diz Ferreira, casado há 20 anos com Maria. “É o que a gente gosta.”

Luiz Ferreira conta que costuma trocar mensagens nas redes sociais com Fernando Holiday (DEM-SP), vereador da cidade de São Paulo. “Votei nele e gosto do que esse menino fala. Qualquer dia passo na Câmara e vou dar um abraço nele, falando: ‘moleque, te elegi, agora faz as paradas aí’ [risos]. Dei o meu voto, depois tem que ir lá cobrar”. Ferreira não esconde o sotaque do bairro da Mooca e, com alguma frequência, interrompe sua linha de raciocínio para uma risada prolongada. Questionado sobre seu político favorito, menciona Margaret Thatcher e Jânio Quadros. “Jânio era foda. Saía na rua, entrava nos hospitais da prefeitura, que nem o Dória. O Dória nada mais é do que um Jânio de antigamente. Só que Jânio era um pouco político, Dória é gestor”. Em uma disputa entre Bolsonaro e Dória, quem teria o seu voto? “Aí pega. Vou ter que ver os dois na televisão e ver quem vai falar melhor, quem vai com os meus anseios.”

“Não acho que [Bolsonaro] seja mito, é simplesmente uma pessoa correta”

“O que eu não admiro em Bolsonaro é que ele é um pouco radical”, diz Ferreira, lembrando os episódios envolvendo a deputada Maria do Rosário (PT-RS). Em 2014, Jair Bolsonaro repetiu uma ofensa dirigida à petista em 2003, durante uma discussão, afirmando que só não a estupra porque ela “não merece”. “Olha, se ela estava chamando ele de estuprador, ele tirou um sarro da cara dela. Ele não foi tanto na ofensa, mas, mesmo assim, ultrapassou um pouquinho do limite”, diz Luiz. E foi justamente por conta dessa polêmica que Fernanda Zopolato ouviu falar pela primeira vez sobre o deputado. Com um discurso diferente do “político brasileiro médio”, Bolsonaro logo despertou a curiosidade da estudante. Em um almoço de família, Fernanda chegou a ouvir de seu pai: “Não acredito que você está defendendo Jair Bolsonaro. Ele fica falando mal de todo mundo, pelo amor de Deus”. “Hoje, consegui convencer meu pai a gostar do Bolsonaro”, conta. Fernanda confessa que não mudaria nenhuma característica do político. “Deixaria do jeito que está”. “Nada é muito perfeito, todo mundo tem seus defeitos e os defeitos dele fazem ele ser quem é. Eu o apoio por ser quem ele é.”

À mesa do restaurante de cozinha oriental, Ferreira admite que a possibilidade de seu primogênito jogar futebol no exterior anda subtraindo algumas horas de seu sono. “Às vezes acordo de noite e penso: ‘poxa, esse filho da puta vai para tão longe, vou ficar com uma saudade’. Mas enche tanto o saco, vá à merda também [risos]. Deixa sofrer um pouco. Talvez ele amadureça muito, se conseguir ir para lá. E a mãe também fica meio assim, mas é a vida. Que nem minha mãe falava: ‘crio filho para o mundo, não para mim’”. Luiz está alguns minutos atrasado para o próximo compromisso, um almoço, mas ainda há tempo para lamentar o retrocesso daqueles que saíram da miséria no Brasil nos últimos anos, revisitar sua viagem recente a Orlando e criticar o funcionalismo público. Antes de levantar, pergunto novamente sobre sua preferência para 2018. “Quer que eu seja mais tranquilo, menos radical? Vamos de Dória.”



Neuróticos

Anônimos

por dentro de quem
se cura pela ALMA

por *Marcela Campos*

As pernas mexiam-se muitas vezes numa fração de segundos, sob calcanhares que não se fixavam no chão. O movimento marcava os músculos da coxa, entrevistados sob a calça de gabardini. A combinação era completa - todo o terno grafite, camisa social, sem gravata.

A expressão, via de regra tensa, maxilares contraídos, só relaxava para exprimir concordância e sorrir em comunhão com aqueles cujos relatos lhe narravam também a própria experiência. Logo se cerrava. O nariz era largo, a pele morena, e os olhos castanhos tinham brilho.

Ambas as mãos fechavam-se em socos frouxos, sem ação, que envolviam os dedos em concha com a palma das mãos. A variante era o abre e fecha, como se precisasse alongar os nervos, que, no entanto, voltavam à posição inicial depois de cada série. No anelar da mão esquerda, tatuada sobre a segunda falange, uma cruz.

Olhava ao redor, olhava tudo e todos, assim como cada um dos vinte ou talvez vinte e três ali presentes. Pelas paredes brancas, de pintura já envelhecida e riscada pelos móveis e pés que rente à estas se arrastaram, repousava uma outra cruz, em madeira talhada, no centro da sala. Pelos lados, seis placas e cartazes - a promessa de mudança, de sigilo, de acolhimento, e a oração da serenidade.

Foi em 1964 que Grover B., alcoólatra recuperado com o apoio do Alcoólicos Anônimos (A.A.), percebeu: sua dependência química era também uma consequência de dificuldades emocionais anteriores ao vício.

Consciente de sua incapacidade em lidar com emoções descontroladas, promoveu uma adaptação do método do A.A. para abarcar aqueles que, assim como ele, lutavam com a própria mente e estado de espírito, ainda que não estivessem dominados por nenhuma droga. Assim surgiu o primeiro grupo de Neuróticos Anônimos.

Buscam apoio aqueles que sentem-se neuróticos, isto é, doentes emocionais, cujo desequilíbrio interfira em suas vidas em qualquer grau, e que manifestem desejo sincero de sarar. Atualmente, são mais de 380 grupos distribuídos pelo Brasil, que se reúnem sob a orientação de doze passos, doze tradições e sete lemas que regem o processo de cura.

Naquela noite morna, reuniram-se entre as paredes envelhecidas homens e mulheres cujo sofrimento emocional se manifestava em diferentes formatos. Para alguns, a depressão os impedia de levantar e ir ao trabalho pela manhã; para outros, as preocupações futuras que lhes enchiam a cabeça não davam trela. Alguns ainda apegavam-se a objetos acumulando-os pelos cantos, ainda que obsoletos. Havia quem sangrasse dores de amor e a ânsia de tê-lo, a cobrir carências emocionais, e quem fosse dominado por emoções descontroladas, de agressividade assoladora. Era esta última a mensagem transmitida pelas mãos dele, que carregavam a cruz no anelar esquerdo. Era o que dizia seus punhos cerrados e calcanhares irrequietos, e o que mais tarde disse sua voz, na sua vez de falar.



Ponto para o estereótipo de filmes e novelas que andam preenchendo imaginários: a sala retangular recebia cadeiras dispostas pelas paredes, de forma que configurassem uma espécie de círculo anguloso, de onde todos podiam enxergar uns aos outros. No meio via-se ainda mais cadeiras que acomodavam alguns poucos.

A organização da reunião se deu pelo revezamento das falas. A cestinha de vime quase passa despercebida a quem entra pela porta no começo da noite, mas já tem seus hábitos: as mãos que metem-se em suas entranhas pescando uma das muitas senhas numéricas que ali repousam.

Um a um, quem atende a mais uma das rotineiras reuniões tem a chance de abrir o peito. No fim das contas, aquilo que lhes causa sofrimento, a que dão o nome de 'doença da alma', tem origem e cura em cinco principais nortes, que parecem, em última instância, reger todas suas falas.

Amor

O tempo já corria quando decidiu começar a falar. Sentado no centro há alguns segundos, deixou o olhar vagar pelos azulejos do chão antes de abrir a boca. Parecia querer assustar seu público quando o fez: "Pai e mãe têm uma função: a de matar o filho".

Sua própria materialidade dava conta de comprovar o sentido metafórico do que havia dito, embora não ficasse claro, em seu depoimento, que ações e sentimentos lhe motivassem àquela conclusão.

Paradoxalmente, passou os próximos minutos falando do que pareciam ser atos de amor e cuidado, preocupação genuína, que haviam de ser prontamente rejeitados, como se fossem ofensas.

A fala era entrecortada por longas pausas quando contou do episódio de seu aniversário: "Minha mãe me veio com um presente, assim embrulhado. Estendeu a mão, né, me oferecendo o presente. Aí eu olhei... Disse que não queria. Não quero presente. Ela insistiu que eu pegasse, mas eu disse que não queria! Daí, na segunda, eu contei isso pra uma colega do trampo, né. Ela respondeu que eu era um ramelão, que tinha magoado a minha mãe".

Não tinha por hábito olhar os companheiros de grupo nos olhos, ou dirigir-lhes a fala. "Aí amanhã eu vou fazer uma cirurgia no braço, tá marcada faz tempo já. Mas parece que pode ter greve de ônibus, né... Não sei. Daí meu pai já se preocupou, disse que iria dar certo e ele me acompanharia no hospital, pegariamos um táxi. Pô, eu tenho 31 anos. Ele não tem que se meter na minha vida. Já tem sorte que eu deixo ele me acompanhar...".

A plaquinha na mesa ao lado já exibia seu lado vermelho, indicando que o tempo de fala estava esgotado.

Sob a superfície, empilhavam-se alguns poucos volumes encadernados. Capas vermelhas, laranja, escuras. Como material extra de cura e autoconhecimento, uma forma de aprofundar-se nos lemas e preceitos de cura do N/A, os livros tratam de imergir os companheiros em reflexão profunda.

As enfermidades da alma, como são designadas de forma geral as diversas formas de sofrimento emocional - depressão, transtorno de ansiedade, compulsões, síndrome do pânico -, segundo N/A, têm sua origem em comum na incapacidade de amar - a si mesmo, aos outros, a vida.

Egoísmo

Mas essa é só uma consequência de uma característica mais profunda: o egoísmo.

Recorrente nas falas dos companheiros era a radical noção, reconhecida por todos ali, de que o motivo de sua enfermidade era também tamanho egocentrismo, autocentrismo. Não era com vergonha ou mãos tensas que o admitiam, mas de cabeças erguidas e voz remitante que reconheciam em si a necessidade de serem mais capazes de olhar para os outros, se doarem e amarem o outro.

Era sua segunda vez frequentando aquele grupo, mas decidiu falar. Deu boa noite, disse seu nome. Agradeceu aos que ali estavam por terem lhe despertado algo: “Já tinha tido lampejos disso que vou dizer, mas tudo estava tão desorganizado na minha cabeça, em pedaços... E hoje, ouvindo vocês, fui capaz de colocar em ordem e de tornar inteligível o que já há algum tempo circundava minhas reflexões”.

Tentou manter o olhar afastado do chão enquanto falava, mas nem sempre conseguiu. “O motivo de minhas maiores angústias sempre foi ter de fazer escolhas entre coisas muito boas e outras coisas muito boas. Não sei em que parte desse caminho eu perdi a capacidade de enxergá-las como coisas boas e passei a vê-las como problemas. E vejo que isso não pode ser outra coisa além de um absurdo egocentrismo. Sou tão incapaz de me importar com o que é externo a mim que passo tempo demais me preocupando com minha própria vida, com meu futuro”.

As mãos gesticulavam: “E essa tentativa de controle do destino, além de egoísta, é também uma profunda falta de fé. Fé de que as coisas vão acontecer e se encaminhar como devem ser, autocentrismo de achar que mando em tudo e no meu destino.”

Controle

Não escapa aos neuróticos ainda este outro aspecto: a tentativa de controlar o próximo e tudo, e a expectativa de que esse desejo seja atendido. A crença de saber o que é melhor, sempre, para todos, e a esperança de que os outros vejam nisso uma inclinação a se doar e a ajudar.

Neuróticos com mais tempo de N/A parecem mais cientes dessa tendências e também mais conscientes sobre seus meandros, não tão altruístas assim: por trás da sensação de dar ajuda, esconde-se a vontade de que as coisas aconteçam segundo sua vontade.

Dos sete lemas do grupo, o terceiro é bem claro no curto livro ‘7 lemas de N/A: uma interpretação’: “A intromissão na vida dos outros, aos quais muitos de nós procuramos impor, embora às vezes de forma inconsciente, a maneira pela qual achamos que devam agir, é mais uma das manifestações da natureza egocêntrica e prepotente do neurótico. Esquecemo-nos facilmente de que nossos semelhantes também têm, como nós, o direito de decidir de sua própria vida.”

A experiência de anos de grupo não lhe deixava se abater quando chegou sua vez de falar. No caminho de cura, abriu-se: “Passei anos pensando que era injustiçada. Eu ajudava tanto a todos, e as pessoas se afastavam de mim, em ingratidão. A vida era injusta comigo. Foi aqui que percebi que aquilo que pensava ser ajuda era, na verdade, um peso. Queria controlar os outros, e acreditava estar ajudando. Foi aqui que consegui compreender isso, e tentar mudar. E hoje estou muito feliz, porque posso dizer que mudei muito desde que comecei a frequentar as reuniões”.



Autopiedade

Recebeu com complacência a sua vez de falar. Tinha no rosto a iminência de um sorriso, menos feliz e mais simpático, e uma pele que denunciava talvez ter vivido mais do que de fato o havia feito. O corpo massudo. O peso nos olhos. A voz embargada.

Falou em melhoras, mencionou avanços inúmeros. “Hoje, posso dizer que consigo viver com mais serenidade”. Mas o marejo das lágrimas surgiu quando lhe subiram as palavras na garganta: “Às vezes ainda é difícil. Sei que ainda tenho aspectos a melhorar. Sabe, ainda tenho momentos em que sinto muita dó de mim mesma,” - e nesse ponto a vergonha lhe roubava a firmeza do olhar, que passou a vagar entre o chão e o teto - “me sinto coitada. E sei que não posso, não deveria. Porque nada é externo a nós, mas o modo como reagimos ao que nos acontece é que nos define”.

A autopiedade pode ser a maior das armadilhas de um neurótico em recuperação. Alimento dos sentimentos de passividade, vitimismo e consequente egoísmo, favorece a inércia emocional. A responsabilização por si mesmo é um dos mais importantes preceitos do tratamento - a última das cinco janelas da parede direita daquela sala de N/A carregava, em uma pequena faixa branca com letras em verde escuro, a máxima “nada muda se você não mudar”.

Sinceridade

Mas a maior das nobrezas de quem ali estava sentado, naquelas carteiras escolares de bancos pretos, no silêncio de quem sabe ouvir, era a capacidade de não esconder-se de si mesmo.

Se para tantos o ideal moral se sobrepõe ao pragmatismo do que orienta suas ações, se para tantos isto cega e leva ao autoengano, não é assim para aqueles doentes da alma que buscam uns aos outros.

De doze passos de recuperação, o quarto está presente em cada um dos depoimentos: “Fizemos minucioso e destemido inventário moral de nós mesmos”.

Se um “Boa noite a todos, sou mais um neurótico em recuperação” recebe calorosos desejos de boa noite e, ao final, agradecimentos em alto e bom tom, a interferência durante as falas é proibida. Não se deve interromper, acrescentar, psicanalisar ou comentar a fala de outro companheiro, em

nenhuma hipótese - nem para palavras de conforto ou concordância.

A regra propicia um ambiente completamente neutro e sem julgamentos, aberto às mais viscerais sinceridades. Não há fingimentos, mas a coragem de colocar em palavras aquilo que causa dor. Compromisso irremediável consigo.

As portas do metrô se abriram sob o sinal sonoro que anuncia a estação. O corpo hesitou e a pele eriçou-se à ideia de me lançar para dentro da minha primeira reunião dos Neuróticos Anônimos.

Os dedos ágeis, versados de teclados, já haviam percorrido a internet em busca de pequenas dicas, sinais, tira gostos da experiência, mas nada poderia ter me preparado para estar ali. Posto meu melhor sorriso, o mais quente que achei em mim, fui.

O que me saltaram os olhos não foram os cartazes, os lemas, a estrutura física ou a ordenação das cadeiras - a cena cinematográfica que estava diante de mim -, mas a luz nos olhos de quem me recebeu. O calor de suas vozes, a gentileza de me acomodar e me acolher em seu seio, a textura dos braços dentro dos quais eu estive. A confiança que em mim depositaram, como se eu a tivesse ganhado.

Foi horrível. É horrível. Ter estado lá, escrever agora, publicar depois. É indigno, cruel, traiçoeiro.

A sensação de estar lá, no entanto, é absolutamente serena. Fiz questão de comprometer-me dos pés a cabeça com a experiência, ao menos enquanto ali dentro estivesse, e ao esperado “como você se chama?” minha boca foi mais rápida que o raciocínio e respondeu prontamente, sem hesitar, o meu nome verdadeiro. E quando fui convidada a contribuir com depoimentos, meu coração foi mais rápido que o raciocínio quando vazou pela boca.

Poucas vezes em minha curta vida senti que um grupo de pessoas se abrisse tão genuinamente para me receber, e ao ouvir o primeiro “agora você não está mais sozinha”, enquanto duas mãos enrugadas e quentes apertavam a minha, em concha, senti o nó na garganta. Porque talvez eu também precisasse de ajuda, e no entanto ali havia chegado pelos motivos errados, e assim dali sairia.

Cuidado que cura

por *Isabela Augusto*



Aos 16 anos, Camila viu sua vida se tornar outra, muito diferente da que havia imaginado para si até então. Estava em uma daquelas situações das quais sempre ouvimos falar, mas raramente acreditamos que irá nos acontecer. Camila estava grávida.

Até aquele momento, a jovem de estatura mediana e olhos verdes nunca havia pensado em ser mãe. Bailarina, planejava seguir a carreira, e acreditava que todas as viagens que faria por conta da profissão não combinariam com a maternidade, pelo menos não naquele momento.

Camila, como tantas jovens na mesma situação, teve medo. Por exigência do pai, teve de se casar com o pai da criança, que morava no Rio de Janeiro, e acabou largando os estudos. Os amigos de Camila, na época, “uma galera mais alternativa”, como ela os descreve, eram do meio terapêutico. “Por isso, conheci a humanização do parto mesmo antes de ter a Luana”.

Eles disseram para Camila que ali mesmo, em Niterói, havia uma casa de parto que ela poderia visitar, o que, junto com seu companheiro na época, ela fez. Decidiu que teria seu parto na água e deu início a todo acompanhamento e pré-natal. Mais uma vez, no entanto, a vida de Camila decidiu seguir por outro caminho.

Luana nasceu através de uma cesárea de emergência. Sofreu duas paradas cardíacas e veio ao mundo prematura. Para Camila, a intervenção foi “muito precisa”, mas também muito difícil. Por conta da cirurgia, ela acabou desenvolvendo endometriose, doença na qual o revestimento interno do útero, o endométrio, cresce fora dele, e que pode levar a infertilidade.

Camila, agora, tinha que lidar com duas novas vidas: aquela pequena, pela qual se tornara responsável, e a sua própria, que havia mudado tão radicalmente. Quando a filha fez oito meses, ela e o companheiro se separaram. Com o apoio da família, Camila voltou para São Paulo e retomou os estudos. “Mas ele sempre esteve presente no crescimento da Luana... bom, nem sempre, porque mora no Rio de Janeiro, mas nós sempre mantivemos uma convivência muito pacífica por causa dela. Nossa relação foi tranquila, mas foi apavorante, porque eu fui sozinha e ele fez a vida dele, ele fez duas faculdades, casou-se duas vezes... eu não. O meu desenvolvimento como pessoa depois da maternidade foi mais difícil, foi mais demorado.” Mas Camila não se lamenta. “Luana me trouxe vida. Eu me tornei o que eu sou hoje em decorrência da minha primeira maternidade”.

Ela passou a trabalhar como secretária e casou-se novamente, mas a endometriose dificultou uma segunda gravidez. Após seis anos de tentativa e “todo tipo de tratamento”, ela finalmente conseguiu. Esperava por outra menina, a quem chamou de Vitória e para quem fez muitos planos: “Eu queria viver a maternidade de uma forma mais planejada, mais tranquila. Eu queria ter um parto numa mega maternidade, um parto bonito, entregar lembrancinha, sabe? Essas coisas que nossa sociedade, infelizmente, prega? Que a mulher vá maquiada, faça escova pro parto, pra tirar foto... Deixei aquela minha parte humanizada lá trás... mas nunca de verdade”, ela sorri, colocando os cabelos curtos e castanhos atrás das orelhas.

Vitória se desenvolvia bem, mas sua mãe, não. A doença implicou em várias internações. E também foi utilizada como justificativa quando os médicos induziram Camila a uma cesárea mesmo antes dela entrar em trabalho de parto, quando Vitória tinha, supostamente, 37 semanas. “Minha endometriose realmente estava ativa, mas não era o caso para antecipar tanto. Eu cheguei andando na maternidade. A Vitória não estava, obviamente, com 37 semanas, sempre há duas semanas de quebra. Aí ela teve insuficiência respiratória, foi direto pra UTI neonatal. Eu fui para o quarto, para a recuperação da cesariana. O primeiro contato dela com leite foi com leite artificial.

Ela desenvolveu uma alergia gravíssima à proteína do leite. E, de brinde, ainda teve um entupimento no canal lacrimal, causada pelo colírio de Credé. Foi o kit ‘Frankstein’ completo.”

O colírio de Credé, ou colírio de Nitrato de Prata 1% é administrado na primeira hora de vida do bebê para evitar uma conjuntivite causada pela mesma bactéria causadora da gonorreia e que pode ser transmitida da mãe infectada para o bebê durante o parto. No entanto, para algumas pessoas, seu uso gera controvérsia, pois pode causar conjuntivite química e manchas na pele do recém-nascido. Além do mais, não se restringe a bebês cujas mães possuem a bactéria.

“Eu me sentia terrível. Tudo aquilo que eu sonhei, que eu queria ter vivenciado... foi terrível. A Vitória ficou muito doente, a alergia dela se postergou por muitos anos, ela teve risco de morte eminente. Eu fiquei muito mal”. Foi quando Camila tomou para si que não passaria pela vida sem fazer nada para que não acontecesse com outras mulheres o que aconteceu com ela. “A ferida do parto da Vitória fez eu me enfiar de cabeça na humanização, comecei a estudar.”

Camila teve de se submeter à quimioterapia por um ano para tratar a endometriose, que também desencadeou um quadro de depressão. Por conta disso, passava tardes em casa sem ter muito que fazer. Foi numa dessas tardes que sua filha mais velha, Luana, lhe contou sobre um curso que uma amiga, Rafaela Rocha, estava realizando: o Multiplicando Doulas.

Camila explica que uma doula é uma profissional técnica, que pode ou não ter formação na área da saúde, e que acompanha a mulher do pré-natal até o pós parto. Ainda na gravidez, a doula prepara a gestante física e emocionalmente para dar à luz, informando-a sobre todos os processos e procedimentos que podem ocorrer durante o nascimento. “No momento do parto, a doula é essencial para olhar no olho da mulher e dizer ‘respira comigo que você vai conseguir. Nossos manejos ajudam a aliviar a dor. Ela empodera a mulher”.



Estudos mostram que a atuação das doulas pode diminuir em até 60% os pedidos por analgesia, em 20% a duração do parto e em 50% a taxa de cesáreas, bem como em 40% o uso de ocitocina sintética e fórceps, intervenções artificiais consideradas negativas por parte das gestantes e agentes de saúde, quando usadas arbitrariamente.

“Após o parto, no puerpério, que é uma avalanche emocional gigantesca para uma mulher, a doula se insere como apoio físico, emocional, e até ajuda nos primeiros cuidados do bebê, auxiliando a mãe na parte de amamentação, por exemplo.” Ela deixa claro, no entanto, que ter uma doula não significa que a mulher terá um parto normal. “São vários os caminhos a serem seguidos, mas é uma grande vantagem ter uma doula”.

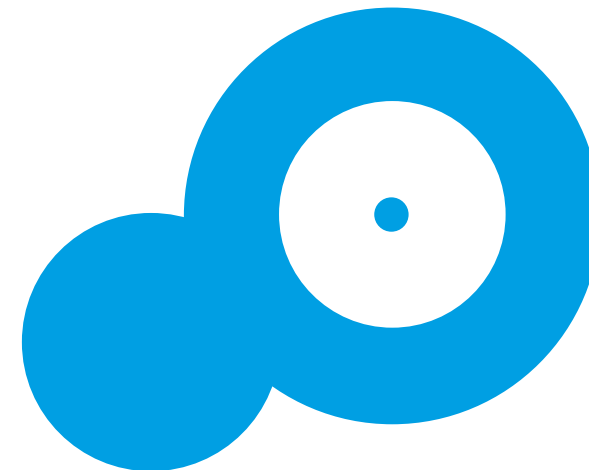
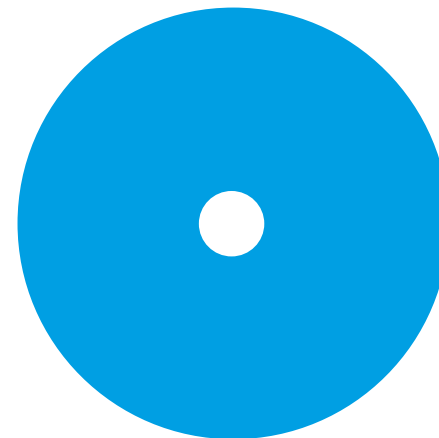
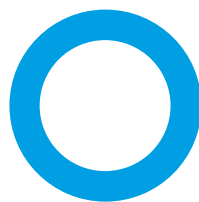
Para Camila, o papel das doulas sempre existiu, mas se perdeu e agora passa por uma crescente. “As doulas existem desde que o mundo é mundo, porque a ela é uma mulher apoiando outra mulher. Desde a antiguidade, onde tinham aqueles partos domiciliares, familiares, em que a parteira era a vizinha, ali já existia a figura da doula. Talvez não nesse conceito propriamente da técnica. Mas elas existem desde que o mundo é mundo, e antigamente existiam ainda mais delas, porque éramos uma sociedade onde as famílias viviam juntas, você casava mas morava com sua mãe, sua sogra, com a vizinha, tinha aquele contexto de acolhimento. O movimento de doulagem está numa crescente porque as mulheres estão se empoderando e se conscientizando do que é um parto normal e quais seus benefícios.”

Ela já não consegue mais contar nos dedos – e nem se lembrar de cabeça – quantas grávidas já atendeu desde que se tornou doula, há dois anos. Mas conta com um brilho nos olhos o acompanhamento que mais lhe marcou que qualquer um diria que foi ontem mesmo. “Logo no início já houve transtorno, burocracia e papelada. Foi marcante justamente porque achei que não íamos ter sucesso”. Ela conta que, já na entrada, foi barrada na porta, porque a maternidade exigia, além do cadastramento, uma autorização especial para cada parto. Mas a dela não chegava e, como percebeu que o bebê vinha logo, mandou um e-mail para a diretoria do hospital, que retornou dizendo que estava tudo certo. Foi só quando explicou toda essa situação que o segurança a liberou. “Depois, antes de começar tudo, o médico me falou ‘olha, eu até trabalho com doulas, mas não gosto de ‘doulices’, não gosto de maluquices. Olha bem o que você vai fazer”.

Ela e a parturiente chegaram juntas de madrugada, com a dilatação já em estágio avançado, mas o médico pensou que o trabalho de parto, que pode se estender por muitas horas, iria demorar e foi dormir. Menos de uma hora depois, a gestante entrou em período expulsivo. “Eu pensei ‘ferrou’, porque estava sozinha e não podia deixar ele nascer na minha mão, eu não sou habilitada e o médico poderia falar que eu forcei para não ter assistência. Coloquei ela na posição vertical, mas o bebê começou a corar e eu pensando ‘vou só colocar a mão e segurar’, mas eu não podia. As enfermeiras entraram e queriam colocar ela em posição litotômica [ginecológica], mas, minha filha, não dava mais tempo. O médico entrou todo esbaforido, colocando a touquinha e, em um suspiro, ele nasceu. O médico me olhou assim... Foi bem emocionante, porque foi quase na minha mão”, ela conta, rindo.



“No momento do parto, a doula é essencial para olhar no olho da mulher e dizer ‘respira comigo que você vai conseguir’ ”



Camila é franca quando relata que a parte mais desafiadora e difícil do trabalho é justamente esse confronto com a assistência médica e o sistema obstétrico do país tais como eles são hoje. “Brigar com o sistema é dar murro em ponta de faca, dá uma exaustão total. Os médicos dizem que [doulagem] é besteira, que não precisa. Eles aprendem a fazer cesárea. São poucos os que realmente abraçam a causa e estudam pra isso. O sistema obstétrico virou um circo em que a mulher é figurante e o médico o protagonista... Hoje você vende a hotelaria, a UTI neonatal de um hospital. Existe uma política em cima de cesarianas que faz as mulheres pensarem que é um procedimento indolor, seguro e da ‘nova era’. Ela é benéfica quando bem indicada, mas é uma cirurgia enorme e as mulheres não têm essa consciência. E mesmo com campanhas de conscientização, os médicos não atendem, eles fazem cesáreas nas próprias mulheres. É uma realidade difícil de se trabalhar, porque não basta você querer ter um parto normal”, ela conta, em tom sério e quase frustrado, e coloca as pequenas mãos decoradas por anéis sobre a mesa.

Mas essa não é a única dificuldade que Camila encontra no trabalho. “As violências que a gente presencia... um dos partos que eu acompanhei tinha tudo para ser lindo, mas foi tão violento. E a médica via que eu via o que ela estava fazendo, e ainda sorria pra mim. Eu saí muito mal desse parto, chorei muito. Cheguei a repensar ‘é isso mesmo que eu quero? É contra isso que quero brigar?’... é uma sensação horrível de impotência. Ainda acontece muita violência, mesmo com doula. Eu não posso apertar o pescoço do médico e pedir pra ele parar.”

A violência obstétrica vai desde comentários maldosos e jocosos por parte da equipe médica, até a adoção de práticas superadas ou não recomendadas, como o agendamento de cesáreas sem base em evidências científicas. No Brasil, ainda que o número de cesáreas tenha caído pela primeira vez em cinco anos em 2015, a porcentagem de cesáreas no período foi de 55,5%, quando a recomendação da Organização Mundial da Saúde é que essa taxa fique entre 10 e 15%. Aqui, 1 em cada 4 mulheres afirma ter sofrido algum tipo de abuso durante o parto.

“Infelizmente, da classe A até a classe E, a violência acontece. Uma boa assistência paga não garante que você não vai sofrer violência, pelo contrário. Hoje, se eu engravidasse de novo, eu iria pro SUS. Lá, mesmo com toda a dificuldade, você encontra médicos mais humanizados do que em maternidade top”.

Camila sabe que há muito trabalho a ser feito e que ele é árduo. Mas se conforta nas recompensas da profissão. “A doulagem é uma luta, trabalho de formiguinha. Muita gente não reconhece o que é uma doula, os benefícios de se ter uma, mesmo quando a gente explica. Mas o meio do parto traz vida. Você ver uma mulher no momento de força máxima é empoderante. A cada parto que eu acompanho, eu saio renovada. Claro, tem uns que saio meio assim... Mas é bom você olhar nos olhos de uma mulher e ver que ela conseguiu. Esse universo é frustrante, mas incrível. Eu estava muito mal e a doulagem veio parar curar feridas em mim”.

profissão:

APOSTADOR

Quem são os fanáticos por esportes (e por números)
que escolheram viver de apostas

por Juliana Fontoura

Saber quantos escanteios o Palmeiras teve a seu favor na Libertadores, a quantidade de vezes que o Corinthians perdeu a posse de bola na Copa do Brasil e o número de cruzamentos certos do São Paulo no Brasileirão talvez não seja muito importante para o torcedor comum. Mas há um grupo de fanáticos por esporte que valoriza (e muito) as estatísticas - e não só do futebol: os apostadores esportivos. Alguns, inclusive, autointitulados profissionais.

Gustavo Zambrano, paulistano de 27 anos, é um deles. Fã de basquete, futebol americano e beisebol, além de fazer suas próprias apostas, trabalha em um site fazendo análises e dando dicas para quem também quiser tentar a sorte. Faz parte da chamada “velha guarda” de apostadores profissionais, no ramo há cerca de 10 anos.

Encontro com Gustavo no Shopping Tatuapé, na zona leste de São Paulo, região onde o apostador mora. Antes de começarmos a entrevista, ele pede para, primeiro, fumar um cigarro. Enquanto se contorce para evitar que a fumaça venha na minha direção, ele, que veste uma jaqueta dos Boston Celtics, começa a falar sobre como as apostas esportivas não são exatamente um jogo de azar, já que o esporte é passível de análise. E faz questão de ressaltar: apesar desse tipo de jogo ser proibido no Brasil, a internet está numa ‘zona cinzenta’, pois não há regulamentação. “As casas estão localizadas em outros países, onde as apostas são permitidas. Fazer essas apostas pela internet não é ilegal. Agora, abrir uma casa de apostas, isso sim é proibido”, explica. Ao terminar o cigarro, ele começa a contar sua história.

O começo

Por volta de 2007, os sites de apostas começaram a atuar no Brasil. Foi nesse ano que uma das casas mais famosas, a *Sportingbet*, lançou uma página totalmente em português. Também foi nessa época que Gustavo, com apenas 17 anos, começou a apostar. Não só ele, mas muitos outros fãs de esportes entraram nesse mundo de forma recreativa. E começaram a se reunir em comunidades do Orkut – à época, a rede social mais popular por aqui – para trocar ideias e dicas. Hoje, isso é feito em grupos do Facebook. Talvez o mais famoso, o “Grupo das Apostas!” tem mais de 8 mil membros, e conta com muitos integrantes da velha escola.

Quando Gustavo se cadastrou em um desses sites, por pura curiosidade, ganhou um bônus de seis reais para testar o serviço. Gastou não somente a sua cortesia como criou contas nos nomes de seus pais para continuar jogando sem ter de colocar dinheiro de verdade. A brincadeira ficou séria quando começou a fazer apostas em parceria com o primo. “A gente apostava em tudo. Cheguei a apostar até em hockey de grama.”

A parceria durou cerca de três anos, até que veio a desilusão. “A gente estava indo muito bem, tínhamos depositado 50 reais e feito 600 em duas semanas. Mas é aquilo, você faz por mera aleatoriedade. Até que um dia eu acordo, acordei até cedo, pra você ver o nível de doença do cara. Fui falar com meu primo e ele falou que tinha perdido tudo apostando que o Federer seria campeão por 4 sets a 2. Ele até ganhou, mas por outro resultado.”

Depois do episódio, os dois pararam com as apostas por um tempo. Gustavo foi trabalhar como corretor de imóveis, ramo em que ficou até 2011. Nesse ano, voltou a flertar com o mundo das apostas, já com um olhar mais profissional. Ficou seis meses em um emprego no setor têxtil e, com o dinheiro que conseguiu juntar, começou a investir nas apostas.

O ‘ponto de virada’ para se considerar profissional foi a criação de um modelo matemático para analisar a probabilidade que cada time tem de vencer. Gustavo desenvolveu equações para o beisebol (sua especialidade), o basquete e o futebol americano. Ele compara os resultados aos quais chega com os apresentados pelas casas de apostas. Se sua probabilidade for maior do que a da casa, significa que a aposta tem valor. Essa é, em geral, a estratégia utilizada pelos apostadores considerados profissionais. Cada um desenvolve seu próprio modelo e calcula o que eles chamam de ‘linhas’, que caracterizam a probabilidade de vitória de cada equipe.

Pedro Ivo Fonseca, carioca de 26 anos que aposta principalmente em futebol americano, conta que as equações englobam diversos fatores que podem influenciar no resultado. “Por exemplo, um jogador machucado, se for um bom jogador, vale meio ponto na linha.” A equação completa, porém, é segredo de Estado: nenhum apostador ouvido pela reportagem entrou em mais detalhes sobre suas próprias fórmulas.

Essa estratégia é aplicada em uma das modalidades mais comuns entre os apostadores, o *handicap*. Nela, se um time é considerado muito favorito, já inicia com um saldo negativo. Isso significa que não basta que ele vença para que quem apostou nele ganhe - é preciso que conquiste a vitória com um certo valor de pontos. No caso de um jogo de futebol, por exemplo, pode ser necessário que um time vença por 2 gols de diferença para que quem apostou nele fature o prêmio.

Outra aposta que faz sucesso é a de *totais*, em que se aposta no número de pontos que serão marcados em um determinado jogo. “Em uma partida de futebol, por exemplo, o total costuma vir em 2,5. Aí você aposta em mais de 2,5 gols ou menos - *over* ou *under*”, explica Gustavo. Para quem está mais interessado na recreação e menos na análise detalhada do esporte, é possível apostar em modalidades como número de cartões amarelos e até em quem vai sair com a bola no início do jogo.

Boa parte da renda dos apostadores vem, na verdade, do serviço de *tipster*, prestado a clientes que pagam para receber dicas. “Tem cara que vive disso, são os investidores. Em geral, são apostadores estrangeiros que entenderam que não são tão bons, mas que sabem ver quem é bom. São caras com muito dinheiro”, conta Gustavo. A função, no entanto, pode ser bem estressante, já que alguns clientes ficam em cima, exigindo retorno imediato. “Quando eu trabalhava mais com isso, eu ia dormir tremendo. Hoje, eu tenho três clientes. Só os que não me dão dor de cabeça.”

Um bom exemplo dessa dor de cabeça foi o que aconteceu com Gustavo numa temporada de beisebol. Ele iniciou perdendo 30 unidades (cada unidade corresponde a um valor fixo de aposta, que varia de apostador para apostador). Para ele, esse valor não era tão alto. Mas, para um de seus clientes, correspondia a cerca de 60 mil reais.

Ao fim do campeonato, Gustavo acabou conseguindo acabar com um lucro de 60 unidades - o que representa sua melhor temporada até hoje. Mas, nesse ponto, já havia passado por estresse suficiente. “O cliente ficava questionando se eu realmente sabia o que estava fazendo. Parecia que tinha um complô contra mim mesmo. Era do nível da Portuguesa ganhar do Corinthians em dez jogos seguidos.”

Pedro Ivo Fonseca, por outro lado, caracteriza o serviço de oferecer dicas como seu carro-chefe. Na última temporada, teve cerca de 21 clientes. Em outros tempos, “quando não estava essa crise toda”, chegou a ter 40.

Antes de tornar-se apostador profissional e *tipster*, em 2014, Pedro ocupou diversas posições na escalação do time dos que trabalham com esporte: jogou futebol americano por uma universidade no Canadá e por um clube no Brasil, é formado em jornalismo e colaborador de sites sobre esportes, além de já ter trabalhado no departamento de análise de desempenho (*scout*) do Fluminense, seu time do coração. Na época em que trabalhou no clube tricolor, também em 2014, era responsável por acompanhar os campeonatos argentino e chileno.

“Aí eu sei que você vai perguntar quem eu indiquei que foi contratado. Ninguém. Mas não é só isso, a análise de desempenho também serve para saber as características de cada jogador das equipes de fora. Na verdade, isso é o mais importante. O Chávez, atacante argentino que hoje está no São Paulo, por exemplo, chegou a estar na nossa lista de possíveis contratações. Mas acabou não acontecendo.”

Para chegar ao cargo no Fluminense, Pedro contou com uma ajudinha do tio, que conhecia algumas pessoas dentro do clube. Conseguiu agendar uma entrevista com os responsáveis pelo *scout* e, no dia da apresentação, levou um pendrive com as suas análises. Com um detalhe: apagou o nome de todos os jogadores. “Fiquei com medo de pegarem meu material e não me contratarem”, ele lembra, rindo. “Acabou dando certo e eu fiquei lá por mais ou menos um ano e três meses.”

Quando estava no *scout* e escrevia dicas para mais sites, Pedro ficava obcecado com os resultados dos jogos. Não desgrudava os olhos do celular, mesmo quando saía com namorada, família e amigos. Hoje, ele diz estar “tranquilo”. A experiência, no entanto, ajudou nas apostas. “Eu já fazia apostas, e aí acompanhando os campeonatos sul-americanos eu consegui bons retornos. Mas é muito difícil achar informação sobre alguns deles, como o chileno, por exemplo. Meu foco hoje é a NFL e o futebol americano universitário.”

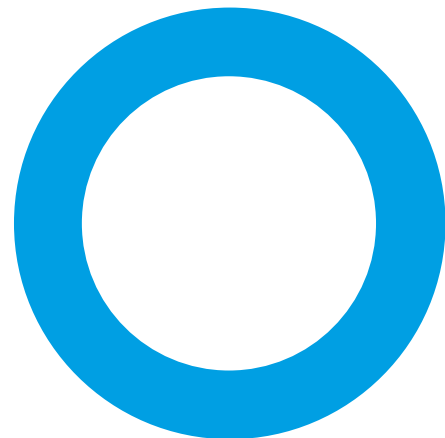
“Não sou uma geladeira, mas sou bem racional. Dinheiro é dinheiro, Corinthians é Corinthians.”

O gosto pelo futebol americano universitário nasceu no período em que morou em Vancouver, em 2010, quando estava em intercâmbio para aperfeiçoar o inglês. Lá, entrou para o time da faculdade em que estava estudando. Quando voltou ao Brasil, chegou a defender o Botafogo FA (à época, Botafogo Mamutes), mas desistiu da carreira de atleta após sofrer uma série de lesões. Chegou a cursar um ano de economia devido ao bom desempenho em matemática, ao olhar analítico e uma pitada de influência do pai. Acabou desistindo para estudar o que sempre quis: jornalismo. “Eu sou bom em matemática, mas não gosto.”

Pedro se formou em jornalismo em 2016, mas não trabalha na área. Sua renda vem principalmente do que ganha com apostas e com o serviço de *tipster*. Mas ele afirma “não viver disso”. “Eu moro com a minha mãe e meu irmão. Às vezes ajudo em casa, pago uma conta. Mas, em geral, uso o dinheiro para sair, comprar uma roupa. Ano passado, paguei minha ida aos jogos universitários da faculdade com o que eu ganhei no trabalho.”

Ainda assim, às vezes as apostas rendem um bom dinheiro, como aconteceu no último Super Bowl (final da *National League Football*, maior liga de futebol americano). Pedro apostou nos Patriots, apesar do coração estar do outro lado, com os Atlanta Falcons, que chegaram a abrir 28 a 3 e tomaram uma virada histórica, deixando o título escapar. “Pode me zoar à vontade, vai, tudo bem”, ele diz, rindo e virando o rosto. “Assisti ao jogo com uma galera que também torce para os Falcons. Eles me mandaram para tudo quanto é lugar porque eu não estava tão chateado depois do jogo, já que tinha apostado nos Patriots. Mas paguei todas as contas de casa naquele mês com o dinheiro que ganhei.”

“Minha família não sabe o que eu faço, eles não entendem. Costumo dizer que só escrevo sobre esportes.”



Razão x emoção

Apostar e torcer contra o próprio time, porém, não é nenhuma novidade para quem escolhe ser apostador. E, aos poucos, deixa de ser algo difícil. “Na verdade, quando você torce para um time, você acompanha mais, sabe as deficiências. Na maior parte das vezes aposto contra”, explica Pedro.

Para Gustavo, o tempo dedicado às análises e o fato de apostar contra os times que gosta contribuem para que o esporte perca a emoção. Ele, que já foi corinthiano fanático e parou de acompanhar o time devido a uma sequência de decepções com a ‘falta de organização’ do futebol brasileiro, hoje diz não conseguir mais sentir aquela empolgação do torcedor comum. Isso mesmo em jogos incríveis, como a virada dos Patriots ou a conquista do seu time de beisebol favorito, os Chicago Cubs, que foram campeões em 2016 depois de 108 anos sem conquistar a World Series, série final de jogos da MLB (*Major League Baseball*), principal campeonato da modalidade nos Estados Unidos.

No Super Bowl do ano passado, por exemplo, Gustavo havia apostado nos Patriots. Em 10 anos, ele nunca havia errado quem seria o campeão. Viu o time sair atrás (o que decretaria seu primeiro erro numa final) e depois buscar o placar e conquistar o título, mas não se emocionou ou surpreendeu. “Vi o jogo com os meus primos, todo mundo estava vibrando. Mas eu estava arrogante por nunca ter errado a final, e, na minha cabeça, nunca passou que eu ia errar aquela. Quando os Patriots viraram, para mim foi normal. Eles iam virar. Mas eles viraram num milagre, é uma coisa que acontece a cada 100 anos. Quase impossível. É como estar 3x1 aos 40 minutos do segundo tempo. Mas você começa a pensar tudo em estatística, a longo prazo. Nada te surpreende.”

O mesmo ocorre com Danilo Pereira, de 32 anos, também corinthiano “com th mesmo” e apostador há 10 anos. Apesar de ainda se descrever como um apaixonado pelo Corinthians, diz fugir do padrão geralmente relacionado ao time paulista: o do torcedor que nutre uma paixão cega pelo clube. “Às vezes, meus vizinhos me veem com a camisa do Corinthians e, logo em seguida, comemorando um gol do time rival, porque apostei contra”, ele conta. “Não sou uma geladeira, mas sou bem racional. Dinheiro é dinheiro, Corinthians é Corinthians.”



As apostas de Danilo são principalmente voltadas ao futebol, e o campeonato em que costuma empregar mais esforço é a Copa São Paulo de Futebol Jr., disputada por categorias sub-20. O corinthiano tem até uma equipe para acompanhar os jogos – em alguns casos, *in loco* –, para poder fazer as análises e repassar aos seus clientes, já que também atua como *tipster*. Ele já chegou a montar um guia com todos os times do campeonato que foi parar nas mãos dos treinadores dos clubes que disputavam a Copinha. “O material que eu produzi ficou superior ao que os próprios técnicos tinham, pois muitos times são amadores e desconhecidos. Isso chegou aos treinadores, que usavam para orientar suas equipes. Alguns amigos que tenho, como preparadores físicos e até jogadores, me relataram isso.”

Outra das frentes de trabalho de Danilo é a criação de vídeos. Neles, dá dicas de como se tornar um apostador profissional e explica termos relacionados a esse universo. Os vídeos são simples: sentado numa cadeira e com apenas um notebook e uma TV como plano de fundo, Danilo vai destrinchando questões comuns aos principiantes. Sua página no facebook tem mais de 7.000 curtidas e não é raro ver trocas de ideias entre apostadores nos comentários de seus posts.



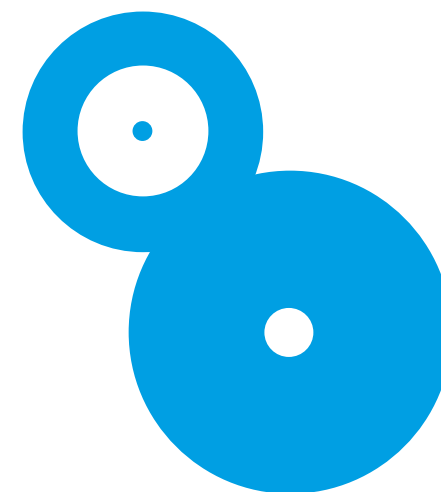
Casado, Danilo vive das apostas há 5 anos - e diz não se importar com a reação das pessoas à sua profissão pouco convencional. “Nunca me importei com o que pensam. Sempre tem os que torcem o nariz, mas, com o tempo, acabam reagindo mais positivamente quando veem sua qualidade de vida”, ele conta. Gustavo Zambrano desistiu de tentar explicar o que faz: “Minha família não sabe o que eu faço, eles não entendem. Costumo dizer que só escrevo sobre esportes.”

Futuro

Ainda que muitos apostadores vivam da função ou que expliquem terem métodos bastante definidos para analisar os jogos e manter a lucratividade, questioná-los sobre futuro é inevitável. Quando pergunto a Gustavo se pretende continuar sendo apostador, ele não hesita em dizer que sim. “Eu vou aumentando meu *bank* (montante que fica nos sites para realizar as apostas) e retiro só uma parte ao final da temporada. Deixo o resto lá para ir subindo até que, um dia, possa me estabilizar.”

Já Pedro sonha mais alto. Ao ouvir a palavra “futuro”, para por alguns segundos para pensar até que, enfim, responde: “Meu sonho, muito distante, é que as apostas sejam regularizadas. No início, em tese, não é bom para quem é profissional, por conta dos impostos. Mas vai abrir uma porta por eu ser jornalista. Nos Estados Unidos, tem muito isso, de ter um apostador para dar dicas nos canais de esportes. Sendo jornalista e alguém que já entende, eu sairia na frente. Esse é o sonho.”

“Você começa a pensar tudo em estatística, a longo prazo. Nada te surpreende.”



Obedientes



rebeldes:

a história dos humanos que

VOAM

por **Matheus Sacramento**



Está no Super-Homem, nas brincadeiras de criança, nos sonhos e em tantas outras metáforas da liberdade... Quem nunca quis voar? Pois o homem chegou lá. Com a ajuda da gravidade e de um macacão com asas, ele voa.

Esse traje alado chamado de Wingsuit permite que se aproveite uma queda livre por três vezes mais tempo do que um salto de paraquedismo de qualquer outra modalidade. O tecido inflável entre os braços e as pernas transforma o ser humano num esquilo-voador, com capacidade de planar no ar, mudar direção e se sentir como um herói das histórias em quadrinhos.

Se é perigoso? Depende. Existem dois esportes diferentes nos quais esses macacões tecnológicos são utilizados. Num deles, o paraquedismo, o risco de morte é comparável ao de uma viagem de automóvel. Já no outro, o base jump, está entre os mais fatais do mundo.

A fundamental diferença está relacionada ao espírito do esporte. Existem aqueles que seguem regras, hierarquias e confederações, buscando uma atividade segura. Mas há também os de filosofia rebelde, que transferem a responsabilidade a cada indivíduo, que estabeleça e desafie seus próprios limites.

“No Brasil, para você poder fazer o curso para saltar de Wingsuit, você precisa ter no mínimo 250 saltos. É

um pré-requisito”, explica o paraquedista Leo Orsini, atleta com mais de 6.500 saltos e 24 anos de experiência.

No esporte regulamentado pela Confederação Brasileira de Paraquedismo (CBPq), existem cinco categorias diferentes, cada uma com uma licença específica de acordo com a experiência do saltador.

“A Confederação pode te suspender devido a você fazer qualquer coisa onde coloca a sua vida ou a vida de terceiros em risco”, comenta o experiente paulistano que pratica o esporte radical desde os 19 anos.

O paraquedismo consiste em saltar de aeronaves, enquanto no base jump se pula de montanhas ou pedras. São dois esportes distintos, mas que utilizam o mesmo macacão alado dentro de suas modalidades.

“O Wingsuit no paraquedismo não muda absolutamente nada (em relação ao risco), porque segue as regras do paraquedismo normal. Salta com dois paraquedas, com disparador automático, altura de abertura do paraquedas é na mesma altura da abertura de um salto normal. Não implica absolutamente em aumento de risco”, garante Orsini.

Saltar de penhascos, entretanto, é diferente. O esporte é mais recente e apresenta características diversas, que levam seus praticantes a usarem apenas um paraquedas, que é acionado mais próximo do solo e sem disparador automático.

“Não há regulamentação ou qualquer confederação no Brasil. Nos Estados Unidos e na Europa, existem associações”, diz Júlia Botelho, base

jumper carioca radicada no Espírito Santo. “Nos baseamos em um bom senso da comunidade”, adiciona a mulher que largou a advocacia para seguir a paixão pelos saltos.

“Liberdade e agora”

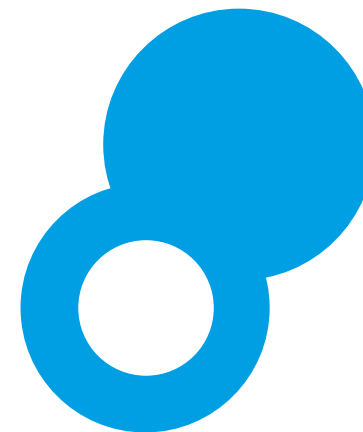
Os primeiros modelos de Wingsuit chegaram ao Brasil no final dos anos 90, mas não fizeram muito sucesso. Contudo, a tecnologia evoluiu e voltou com tudo na segunda década do novo milênio, arrebatando interessados em conhecer a sensação de voar.

“Liberdade e agora.” Com essas duas palavras, Júlia Botelho define o base jump. “Me permite viver o agora, o momento presente. Quando estou prestes a saltar, não há nada mais a pensar. Não existem preocupações, não existe ontem e nem amanhã.”

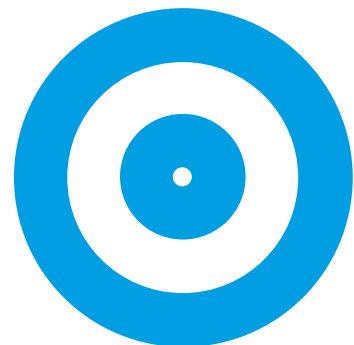
O esporte que realiza a brasileira com mais de 400 saltos na categoria tem tudo a ver com a filosofia de vida de seus praticantes. “Foi através do base que me libertei e encontrei a felicidade plena. Consegui abandonar todos os padrões exigidos pela sociedade e família. Encontrei a minha paz e finalmente me senti plena.”

E não foram somente os padrões que Júlia abandonou. Nascida no Rio de Janeiro, a advogada havia acabado de passar em seu primeiro concurso público na polícia civil quando começou sua trajetória nos saltos.

Ela era escaladora e, por sempre estar na Pedra da Gávea, teve contato com os atletas de base jump. Iniciou no paraquedismo já com a intenção de migrar para o esporte de parentes-co próximo. Sonhava em um dia voar com o traje de asas.



“Confesso que foi difícil ver amigo morrendo. Pensei em parar de pular, fiquei um tempo sem pular. Mas após cada salto que eu realizo, me traz muito mais alegria do que tristeza”



Começou como uma atividade de fim de semana, que aliviava o estresse de trabalhar e estudar. Mas um convite mudou tudo: ela foi chamada para participar do time de paraquedistas profissionais do exército.

“É um programa de atletas de alto rendimento do exército, que eles contratam civis para fazer parte do time e representar o exército brasileiro nos campeonatos. São aquelas que você faz saltos de várias pessoas. Em 30 segundos, tem que fazer a maior quantidade de pontos. É mais uma formação no céu, aquelas figuras”, conta.

Júlia largou a escola de magistratura, a advocacia, a cidade, a família - tudo - e foi seguir o sonho. A princípio, porém, o destino não foi o planejado.

“Acabou que fiquei um ano só no exército. Me mandaram embora, alegando que pelo fato de eu ter escoliose, eu não poderia ser militar. Aí fiquei meio sem saber... Nesse meio tempo, já estava fazendo base jump. A única certeza que eu tinha é que eu não queria mais ser advogada, não queria mais morar no Rio de Janeiro e trabalhar com isso.”

Mas a vida deu uma oportunidade de trilhar um caminho diferente. Ela conheceu o saltador Rodrigo Cricket, com quem namora até hoje. Juntos, eles deixaram a Cidade Maravilhosa e rumaram ao Espírito Santo, onde abriram uma escola de base jump.

“No ano passado, eu senti que eu estava pronta para voar de Wingsuit. Já tinha quase 300 saltos de base jump. Então fui treinar na Califórnia o Wingsuit do avião. Passei lá um mês e meio treinando, vim pra cá e saltei da montanha.”

Cada segundo - como se fosse o último

Mudar-se do Rio de Janeiro para Pedra da Onça-ES e saltar de penhascos abriu um sorriso em Júlia. Mas o esporte cobra o seu preço. Não à toa é um dos líderes mundiais na proporção de mortes por participantes.

Nos dois anos e meio que vive próxima da cidade de Castelo-ES, ela já presenciou acidentes. Alguns deles, fatais.

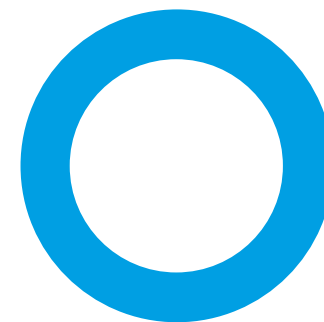
“Confesso que foi difícil ver amigo morrendo. Pensei em parar de pular, fiquei um tempo sem pular. Mas após cada salto que eu realizo, me traz muito mais alegria do que tristeza”, reflete.

Como o esporte é novo, as estatísticas sobre ele são pouco consolidadas. Estima-se, porém, que ocorra uma fatalidade a cada 500 ou 1000 saltos. Durante o Pro Base Wingsuit Race, espécie de campeonato mundial realizado em cinco etapas em 2013, três dos menos de 30 participantes morreram.

O base jump tem a ver mesmo com a filosofia de seus praticantes. Dessa forma, influencia até na maneira que eles enxergam o maior dos mistérios humanos. “Aprendi a lidar com a morte de maneira natural. Então acho que devemos aproveitar cada segundo de nossa vida como se fosse o último”, afirma. “E sem voar, sem fazer o que eu amo, eu morro aos poucos.”

Quando sai do pensamento abstrato e se foca nos fatores mais mundanos, a carioca-capixaba acredita que muitos dos acidentes se devem ao abuso, atribuindo alguma insegurança à pouca idade do esporte. Para ela, o maior desafio é manter o equilíbrio entre o emocional e o racional.

“Batemos bastante cabeça para entendermos a melhor e mais segura forma de praticar. Ao mesmo tempo que agimos sob o total domínio da adrenalina e da emoção, precisamos saber dizer não. Precisamos saber a hora de não pular. Respeitar as condições climáticas. E, principalmente, ser bastante sinceros”, completa.



“Nunca irei ganhar o que já investi saltando na minha vida toda. Não ensino para ganhar dinheiro, faço por amor ao esporte”

E a família?

Aceitar o risco e viver um esporte radical que está longe dos holofotes é uma decisão complicada por si só. Mas ninguém mora sozinho no mundo - e saltar de penhascos não costuma ser a ideia que os pais sonham para seus filhos.

“Inicialmente, eu não tinha o apoio deles”, revela Júlia, falando sobre sua família. “Eram contra eu largar tudo que eu havia conquistado até então pelo base e pelo paraquedismo. A minha mãe, sim, sempre me apoiou. Ela é psiquiatra e sempre me disse que eu deveria fazer o que quer que fosse que me deixasse feliz. Já meu pai, advogado e concursado, achava que eu só seria feliz com um salário de R\$ 20 mil por mês”.

“Foi difícil vencer toda aquela história careta”, continua. “Até os 23 anos, penso que eu vivi muito mais o que os meus pais gostariam que eu fosse do que o que eu realmente queria ser. Minha família é muito unida, mas penso que eu precisava seguir o meu caminho para me encontrar”

Para explicar por que suas decisões deram certo, a saltadora cita a “energia” e diz que realiza todos os seus sonhos por meio dela. Uma filosofia que prega que tudo é possível, basta acreditar e fazer com o coração.

“Hoje minha família vem me visitar. Curtem comigo o esporte e viram que a minha felicidade não está no que o dinheiro pode comprar, mas sim em tudo que eu posso viver. E, afinal, de que importa se sou médica, advogada ou engenheira, se estiver infeliz!? Atraímos aquilo que emanamos. E não importa o que façamos, se feito com amor e dedicação, atraímos aquilo de volta para a gente”, conclui.

Divertido - e muito seguro

Mudar sua relação com a morte, com sua família e com seu emprego, no entanto, não são requisitos para se voar. Existe uma maneira segura de usar o macacão de esquilo-voador, sentir-se livre e ainda ter uma relativa certeza de que aterrissará com segurança no solo.

Profissional do paraquedismo e saltador há 22 anos, Eduardo Meirelles estava enjoado de sua rotina no esporte. Dono da escola de Paraquedismo Boituva, autointitulada “A Preferida dos Famosos”, ele queria algo que o fizesse sentir a adrenalina novamente.

“A rotina de saltar com aluno, salto duplo, filmando... São coisas que ao longo do tempo você vai perdendo o prazer depois de fazer bastante. E até se envolver com a escola comercialmente. E aí o Wingsuit foi uma coisa que me chamou atenção.”

Mas havia um impedimento: o medo e o risco eram um problema para ele. Só ficou confortável em iniciar na nova modalidade quando percebeu que, dentro do paraquedismo, ela é relativamente segura.

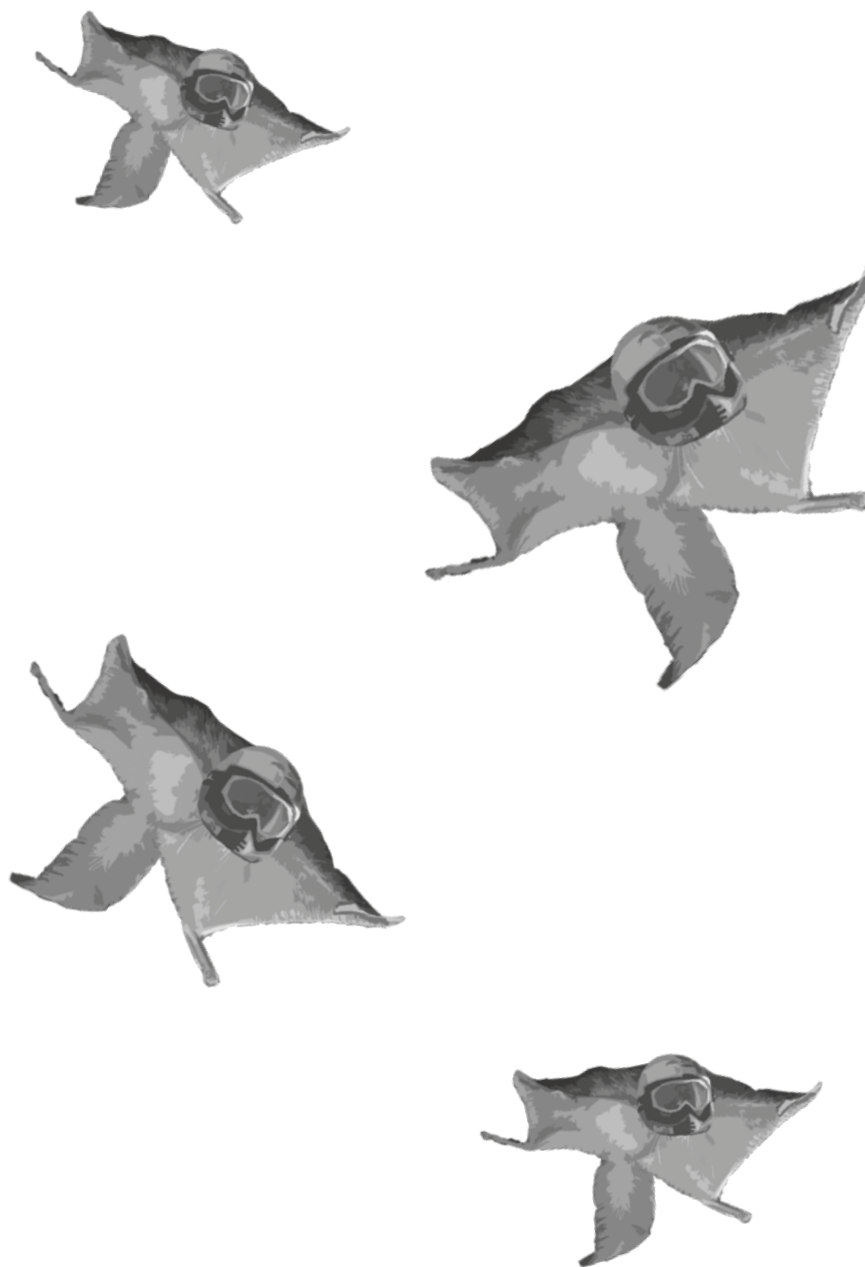
“Eu sempre tive esse preconceito, achava que era um salto perigoso e que não era divertido. E aí eu vi algumas amigas fazendo e comecei a quebrar o preconceito. Conversando com elas, me motivaram e fui fazer o curso com o Leo. Descobri que é tão divertido quanto qualquer coisa do paraquedismo. E muito seguro. Hoje, as asas evoluíram ao ponto de deixar o voo seguro, uma condição bem calculável de risco”, explica.

“O Wingsuit é fascinante. Há muito tempo era até impossível de pensar, em termos de características de voo”, diz Meirelles. “O paraquedismo é um esporte de risco, não se deve ignorar isso sempre, mas lidando com a condição da evolução tecnológica, de você controlar esses riscos e torná-los quase ínfimos, praticando da forma correta e buscando a orientação da forma correta também”, finaliza, enfatizando a segurança da atividade.

O Leo citado por Eduardo é exatamente Leo Orsini. Ele é fundador da Flyerz Wingsuit School, que funciona na cidade de Boituva, interior de São Paulo e capital do paraquedismo no país.

“Depois de muitos anos no esporte e me dedicando nos últimos cinco anos ao Wingsuit, decidi abrir a escola, pois foi o modo de eu passar para frente todo conhecimento que adquiri”, conta Orsini.

E haja conhecimento, adquirido em mais de 15 participações entre campeonatos brasileiros e mundiais, desde o seu primeiro salto, em 1993, quando tinha 19 anos, em Campinas.



Já praticou outros esportes radicais, como o ski. Também tentou mergulho e muay thai, mas se achou mesmo no paraquedismo - e tudo graças a uma propaganda de uma marca esportiva.

Em 1992, ele morava nos Estados Unidos. Por lá, assistiu a um comercial da Reebok, no qual um atleta saltava de skysurf, modalidade na qual se pula com uma prancha nos pés. “Pensei, vou fazer isso!”, lembra Leo.

Empresário da higiene

Apesar da escola e da experiência, Leo Orsini nunca dependeu do esporte para viver e o enxerga como um hobby. Mais do que isso, ele não acredita ser possível sobreviver do paraquedismo wingsuit no Brasil.

“Acredito que para viver do paraquedismo hoje, apenas os instrutores de salto duplo, pois eles apenas trabalham... Na minha concepção, salto duplo não é paraquedismo”.

Salto duplo é aquele no qual o instrutor pula com um cliente e o conduz até o solo. Para Leo, as modalidades mais radicais, como o wingsuit, gastam mais do que ganham.

“Nunca irei ganhar o que já investi saltando na minha vida toda. Não ensino para ganhar dinheiro, faço por amor ao esporte”, afirma. “Lógico, hoje tenho muitos benefícios. Ao invés de só gastar saltando, eu ganho. Tenho patrocinadores e marcas dentro do esporte que me apoiam.”

Existe, entretanto, uma exceção dentro da modalidade apontada pelo saltador. “Único atleta que vive do Wingsuit, creio eu, é o Luigi Cani. Mas, na verdade, ele não vive do wingsuit, mas sim de belos programas e da produtora de vídeos que ele tem”, pondera.

Formado em direito e com pós-graduação em gestão empresarial pela Faculdade Getúlio Vargas, Orsini é empresário e dono de uma indústria metalúrgica. Além de um dos mais de 4.200 paraquedistas registrados pela CBPq, ele também atua no ramo de laminados para o setor de higiene, fornecendo âncoras de latão que seguram as cerdas das escovas dentais.

“Eu acho arriscado viver do paraquedismo, mas aceito e respeito quem vive”, declara. “Vale lembrar que o esporte é dinâmico, pode ser que depois dos 50 anos não tenhamos tanta condição de ensinar e muitos novos atletas que entraram tomem o seu lugar”, reflete.

De fato, viver do paraquedismo pode ser arriscado. Mas o risco é algo que esses atletas estão acostumados a lidar, manejar e calcular. E quem irá dizer que algo é impossível para os humanos que voam?

Parquinho de SONHOS

por *Dimíttria Coutinho*

Serei ginasta. A frase acompanhava a foto de uma menina sorridente e cheia de sonhos. Juntas, compunham o perfil de Raíssa no WhatsApp, no início de 2016. Em novembro do ano anterior, ela havia passado pela peneira de um clube e passaria a treinar ginástica artística em março. A história da Raíssa com o esporte, porém, começou um pouco antes.

Pelo que a mãe, Viviane, se lembra, a pequena tinha cerca de quatro anos e meio quando começou a frequentar as aulas de ginástica artística no colégio em que estudava. No começo, foi por acaso: depois de um problema com as aulas de ballet, a mãe decidiu colocá-la nas aulas de ginástica, para que a menina não perdesse o gosto pelo esporte. Ela só não esperava que o gosto fosse se tornar tão grande. E o talento também.

Quando aconteceram os Jogos Marianos, competição promovida pelo colégio, Raíssa se destacou no boca-a-boca das demais mães. Já que opinião materna não vale nessas horas, a própria Viviane não tinha noção se a filha era boa mesmo ou não. Mas de tanto ouvir *nossa!, ela é muito boa* de cá e *mas ela é boa mesmo, hein?* de lá, acabou acreditando. A mãe de uma amiguinha de Raíssa, então, sugeriu

que Viviane a levasse na peneira do Clube Campineiro de Regatas e Natação, referência em ginástica artística na cidade interiorana. Insegura, foi falar com a professora de Raíssa no colégio e ouviu que a filha ainda não estava pronta. Precisaria amadurecer mais no esporte antes de tentar vaga no time que, como dizem, só pega menina pronta. A mãe da colega insistiu, disse que a menina era boa sim. Na dúvida, Viviane levou. Afinal, o máximo que poderia acontecer era ela não passar, e que mal tem nisso?

A peneira, numa tarde de novembro de 2015, aprovou duas garotas das onze participantes. Mas tem vez que não aprova nenhuma, ou só uma. Não tem número certo, mas precisa ser boa, ter entre quatro e oito anos, estar com “as coxinhas grossas e os bracinhos fortes”. Apesar de cumprir todos os requisitos, faltavam os braços prontos em Raíssa mas, mesmo assim, ela foi uma das duas aprovadas. Os treinos começariam em março do ano seguinte e a ansiedade estava grande. “Eu achava que o Regatas ia ser um parque de diversão pra mim”, contou a garota.

Foi nessa altura que a pequena mudou o status do WhatsApp. A mãe chegou a achar engraçado “a fotinha dela pequenininha, escrito serei ginasta. Tem tamanho pra saber o que quer?”. Ô se tinha.

Raíssa começou treinando de segundas e quartas, das oito às dez e meia da manhã. Por causa da pouca idade, a família ainda tinha receio de deixar a menina ir treinar sozinha. Nas duas primeiras semanas, o pai, Daniel, acompanhou a filha em todos os treinos. Levava o notebook e ficava, durante duas horas e meia, esperando; se Raíssa precisasse dele, ele estaria ali.

Mas essa não foi a única preocupação no início. Acostumada a estudar no período da tarde, a menina não estava habituada a cair da cama logo cedo. E, agitada do jeito que é, não parecia, aos olhos da mãe, que teria a disciplina necessária para o esporte: “nunca, na minha cabeça, que eu achava que ela ia fazer uma coisa dessa tão disciplinada”. Mas ela provou que sabia o que queria; em dia de treino, acordava antes de todo mundo e ia ao quarto dos pais para chamá-los. Foi aí que caiu a ficha para eles: a filha realmente gostava da ginástica artística.

Esse ano, para treinar mais, Raíssa precisou mudar de turno na escola. Com muitos amigos, a menina tinha uma panelinha forte no colégio e, mais uma vez, deixou a mãe surpresa. Chorou, largou os amigos para trás, mas disse que amava a ginástica. Agora, ela já tem novos amigos e continua encontrando os antigos; alguns deles são sócios do mesmo clube que a pequena treina.

Atualmente, com quase oito anos, treina dez horas por semana, em práticas divididas entre terças, quintas e sextas. O centro de treinamento fica no último andar do clube, depois de noventa degraus de escada; nada de elevador. Lá em cima, um tecido divide o espaço entre a ginástica artística e a ginástica rítmica. Do lado da porta, meninas com pés na cabeça, música tocando e ensaio acontecendo. Do lado de lá, Raíssa brincando com as amigas na cama elástica; faltam alguns minutos para o treino começar.

O espaço da ginástica artística é grande. As cerca de 30 meninas estão divididas em três grupos, referentes à faixa etária e ao nível técnico. As mais velhas, de 10 a 16 anos, treinam cinco

vezes na semana, enquanto as outras duas turmas, de 8 a 11 e de 6 a 9 anos, praticam três dias. Raíssa está no chamado grupo três, das mais novinhas. Todas elas, independente da idade, usam top e shortinho estampados idênticos, numa espécie de animal print colorido; as cores predominantes são rosa e verde.

O alongamento pré-treino começa. As meninas maiores fazem os exercícios sozinhas no tablado, usado para treino do solo, e que fica bem no meio do espaço, rodeado pelos outros aparelhos. Enquanto isso, as menores ficam perto de uma cama elástica longitudinal que termina na mesa, para o treino de saltos. Elas se alongam com dois professores, um homem e uma mulher, e seguem as orientações deles.

Do lado direito do tablado, um grande espelho se mistura à parede que exhibe as dezenas de troféus já recebidos pelo clube em torneios. A turma de Raíssa ainda se restringe a apresentações, mas logo começarão a competir, assim como as garotas mais velhas.

Raíssa está na primeira fileira de meninas, com os cabelos pretos e curtos amarrados com um elástico verde, que pede ajuda às presilhas rosas que seguram a franja. A barriga de fora, de cor igual ao do magnésio nas mãos, quase encosta no chão enquanto as pernas estão alongadas em um espacate perfeito.

Terminado o alongamento, as pequenas seguem para o tablado enquanto as maiores se dividem entre as barras assimétricas, que ficam em frente ao espelho, e a mesa de salto. No espaço de treino do solo, a treinadora pede que as meninas se dividam em três fileiras,

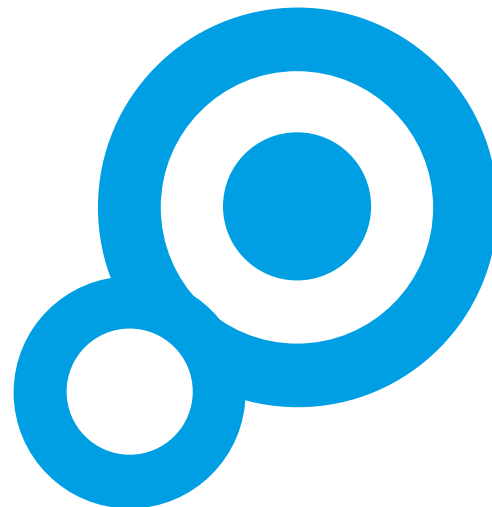
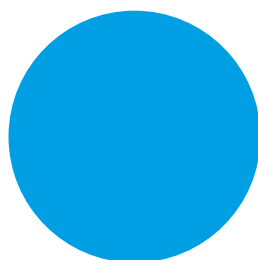


para executarem os exercícios. Chassé Jeté, chassé jeté, chassé jeté... a professora repete enquanto as crianças dão pequenos pulinhos seguidos de um salto que joga uma das pernas para frente e a outra para trás. O professor vai corrigindo, para que o passo fique aperfeiçoado.

O solo é o aparelho que Raíssa mais gosta, porque é o mais fácil para ela. No entanto, tem consciência de que, conforme for subindo de nível, a dificuldade vai crescer. “Mas eu já estou treinando pra poder ser boa e conseguir”.

E está mesmo. No chassé jeté, a perna de trás dela não sobe tanto quanto o desejado, e o professor mostra a falha. A pequena tenta novamente algumas vezes e, quando o treinador a elogia, abre um sorriso e segue praticando. O próximo exercício é a estrelinha, que Raíssa executa com talento, tanto com ambas as mãos quanto com apenas uma em apoio no solo. Que nem gente grande, ostenta uma postura impecável, bracinhos esticados para o alto e mãozinhas perfeitamente voltadas para trás.

A performance continua, agora na trave de equilíbrio. Em meio a sorrisos e brincadeiras, Raíssa e as amigas se divertem esperando a vez de subir no aparelho. Não é o que se vê, porém, do outro lado do tablado. As garotas mais velhas treinam nas barras assimétricas e, talvez para aliviar a tensão da seriedade do treino e dos olhares críticos dos treinadores, se apoiam; aplaudem a cada fim de série que as colegas façam, por mais que estejam cheios de defeitos ou que a atleta saia descontente com a atuação. A diversão que as menores compartilham ecoa pelo tablado até a cumplicidade que as mais velhas mantêm. Em tudo que é esporte, por mais que seja individual, há equipe.



E é nesse contexto que Raíssa se concentra, ao lado de uma amiga, cada uma em uma trave. Ambas executam a mesma série de exercícios, que parece simples. O aparelho é alto para as meninas, que são menores que a cintura do professor, e qualquer falha em uma tentativa mais complicada pode acabar em uma queda. Mas isso não impede Raíssa de descer da trave ao melhor estilo: com um salto que termina com os pés cravados ao chão.

As piruetas e estrelinhas ficam em segurança; do lado do aparelho, há uma trave “sem pernas”. Apoiada ao chão, permite que as meninas tentem novos movimentos sem correrem o risco de cair. E é aí que Raíssa treina, focada, enquanto espera sua vez de subir novamente e executar a série de exercícios lá do alto, rumo ao aperfeiçoamento.

Empolgadas, as garotas correm para ajudar os treinadores a colocar os colchões embaixo do próximo aparelho. O treino agora é nas barras assimétricas, situadas do lado oposto ao espelho, e a professora sobe em uma base de madeira para segurar as meninas, que ainda não conseguem saltar sozinhas de uma barra até a outra. O que, diante das atletas maiores, parece um pulinho, torna-se um longo voo entre as duas barras quando os corpinhos das mais novas estão em jogo.

Antes de saltar, porém, elas precisam se segurar na barra mais baixa, dar um giro nela apenas com as mãos no aparelho e terminar em pé na barra, para poder dar impulso para o salto até a mais alta. Para terminar em pé no aparelho, o giro tem

que ter tido bastante arranque, o que exige força dos braços. Na primeira tentativa, Raíssa não consegue. Não por falta de esforço; o rosto já está vermelho de tanta força colocada. Esperando a vez de tentar novamente, ela vai, então, às barras paralelas, e as atravessa apenas com a força dos braços, como quem brinca em um parquinho, mas com semblante bem focado. Na segunda tentativa, consegue executar o exercício, que ainda repete algumas vezes.

Antes do único intervalo da aula, o treino é de salto, feito na cama elástica. Uma das garotas mais velhas ensina as pequenas a pularem, servindo de exemplo para elas. O aparelho é longitudinal e permite que as meninas corram, peguem impulso e saltem, conforme a orientação dos professores.

A leveza de Raíssa entre um exercício e outro, as risadas divididas com as amigas e os lugares que escala, revelando uma garota espoleta, dão espaço ao foco quando o assunto é treinar.



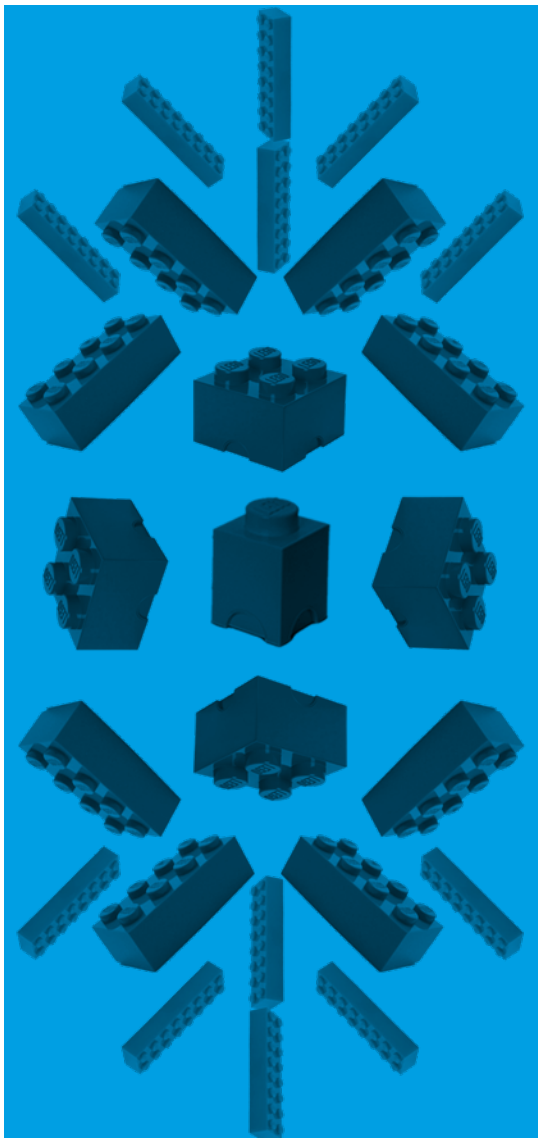
Pouco antes das quatro horas de aula terminarem, o assunto é a força. As meninas treinam os músculos dos braços e do abdome na barra fixa, e Raíssa segue bastante focada. Sua parte preferida do treino é justamente o preparo físico. Desde já, ela entende a importância dele na execução dos exercícios. O grande uso da força pela criança costumava ser, porém, o maior receio da mãe. Hoje, ela confessa que ainda teme isso, mas se preocupa ainda mais com a questão psicológica.

Para a menina, os treinos são, sobretudo, brincadeira. Mas o parque de diversões de Raíssa é também palco de pressão, frustração e toda a carga que o exercício envolve. Viviane, que é terapeuta, já trabalha a questão psicológica referente ao esporte com a filha em casa. Ela sabe que, por enquanto, a garota treina porque gosta e porque isso a deixa feliz. O futuro, cabe ao que Raíssa vai querer mais pra frente. “Eu não sei se ela vai querer, vai que no ano que vem ela não quer mais. Mas, se a Raíssa virar e falar ‘não, mãe, eu quero’, aí a gente vai ver o que dá pra fazer”.

Na inocência da pequena, que ainda nem completou oito anos, o desejo já está na ponta da língua: “Quando eu crescer eu vou querer ser ginasta, porque o meu sonho é ser ginasta com as minhas amigas”.



MONTANDO O SET



Onde habitam e como sobrevivem os fãs de LEGO, que têm a própria bolsa de valores, salvaram a empresa dinamarquesa da falência e são donos de lojas de itens usados com mais de 2 milhões de peças

por Bruno Vaiano



A avenida do Cursino, na Zona Sul de São Paulo, era só um caminho de muros e terrenos baldios em 1962, quando Morio Saito — ainda com os cabelos negros típicos de famílias orientais — chegou do interior do estado com sua esposa, dona Maria, e fundou seus armarinhos. Vieram à capital para dar estudo a um casal de filhos, na época, com quatro e seis anos.

De boca em boca, Sr. Morio virou seu Mário, e os baratos e afins disponíveis — que já foram roupas e o material escolar de incontáveis começos de ano letivo para as crianças do bairro — logo se tornaram caixas de LEGO, todas com um desconto de cerca de 30% sobre o preço de tabela. O lugar abria de domingo a domingo, até em vésperas de Natal — quando os atrasados, ainda sem presentes para as crianças, eram salvos pelo vendedor incansável.

“Eu não sei quando ele começou a vender LEGO, mas faz muito, muito tempo”, afirma Silvia, a irmã mais velha, hoje com 62 anos e responsável, com o marido, por tocar o negócio. “Outro dia, arrumando o balcão, encontrei uma nota fiscal da década de 1970 que já tinha [o brinquedo].”

Hoje, a loja é uma relíquia desgastada, só mais uma abertura na fachada de um conjunto comercial de um quarteirão. A aparência é de uma garagem de pé direito alto, e o cheiro acolhedor ainda é de papelaria de vizinhança. Acima da porta de correr, o frontão foi pintado com peças de montar vermelhas. Aqui e ali, amarelos ou brancos, se sobressaem studs — nome técnico das bolinhas na superfície dos tijolos.

A pintura temática da fachada é uma pista do último capítulo da vida de seu Mário: seu comércio, em 2008, se tornou uma espécie de Meca dos fãs de LEGO brasileiros, que vêm de todo o país atrás dos preços, da simpatia e da vida offline.

“Voltei a comprar alguns LEGO... e hoje tive o GRANDE PRAZER em conhecer o seu Mário — GENTE FINÍSSIMA!”, afirma um. “Éita casal querido, muito simpático de um atendimento e atenção espetacular... grande diversidade de produtos e preços imbatíveis”, comenta outro.

“No começo ele ficou meio desconfiado — japonês, você sabe como é”, começa o fã Ildefonso Zanette. Estamos de pé em uma vaga vazia, na larga calçada diante do bloco de lojas. “Quanto aos preços, nós só temos teorias. O lugar é dele, ele não tem empregados e não aceita cartão de crédito.” Dudu, como prefere ser conhecido, é programador e, no tempo livre, AFOL — sigla em inglês que significa “fã adulto de LEGO”. É um dos fundadores do grupo de usuários de LEGO do Brasil, que também atende por uma sigla: LUG.

Morio Saito morreu de câncer em janeiro, aos 88 anos. Se apegou a essa pequena legião de fãs, que passaram a organizar encontros mensais em sua loja. No último sábado do mês, os que estão com a carteira em dia compram os lançamentos, e os demais jogam conversa fora. A regra é clara: o preço é baixo e não muda. Caixas de dez anos atrás saem pelo valor da época, independente da inflação. A prateleira detrás do balcão ganhou uma ilustração do comerciante, já idoso, com a esposa — ambos na versão figurinha, devidamente amarelos, com o corpo em forma de trapézio e a cabeça redonda.

Festa estranha, gente esquisita

Foi sentado em uma mesa do café do SESC Pinheiros, em São Paulo, que o repórter de 21 anos, que há muito abandonou o LEGO, recebeu seu diagnóstico. O responsável pela consulta é Wagner Cavalli, de cabelos grisalhos ralos, óculos de armação fina e paletó de veludo. Aos 50 anos, com olheiras entusiasmadas, divide seu tempo entre seu hobby e a vida um pouco mais burocrática de uma empresa de consultoria.

“Não é que está difícil, é só que você está no auge de uma dark age. Na adolescência, muitos abandonam por falta de tempo e preconceito. A família começa a dizer que você está muito velho, e você começa a acreditar. Você não pode ir às exposições, porque os amigos vão ver”, explica Cavalli, introduzindo um novo termo do jargão dos fãs. “Depois de formado, você começa a ganhar o próprio dinheiro, percebe que não deve satisfação a ninguém e começa a comprar de novo.”

Wagner conhece bem os sintomas da dark age, mas não pode falar com confiança do retorno pós-universitário ao LEGO: não teve o brinquedo na infância, e quando abraçou a causa, já tinha filhos. Desde 2010 é eleito, ano após e ano e de forma quase unânime, o embaixador da LEGO no Brasil. Seu trabalho é fazer o meio de campo entre a empresa e os fãs adultos de seu país — no pé do fórum de discussão oficial do LUG, vem as estatísticas: 164.472 mensagens em 10.130 tópicos por 3.018 membros.

O LUG Brasil foi fundado em um encontro presencial no vão livre do MASP, em 25 de janeiro de 2008, aniversário de São Paulo. Subiu nos resultados de busca até alcançar a primeira página do Google, onde atraiu fãs do resto do país. “No início de 2009, com a popularização da internet banda larga, eu, meio nostálgico, resolvi procurar por colecionadores no Brasil”, conta Fernando Colares, designer mineiro que hoje mora em Vancouver, no Canadá. “Para conversar, usávamos o fórum virtual da comunidade 0937 [LEGO escrito de ponta-cabeça], de um grupo de fãs e amigos de Portugal que já haviam se organizado. Meses depois criamos nosso próprio fórum.” No mundo, são 300 milhões de fãs, que em geral são parte de uma das 70 comunidades representadas por embaixadores eleitos — muitas delas bem maiores que a dos entusiastas tropicais.



A internet pré-Facebook contribuiu com a concentração dos fãs em único site, onde eram planejadas exposições e encontros aos finais de semana. Os maiores, com 30 ou 40 pessoas, envolviam a construção de cidades inteiras. Camisetas personalizadas, bonés, crachás com peças personalizadas eram comuns, e coleções enormes desfilavam em quintais de casas grandes e salões de festa. “Já foi bem pior, antes tinha uma cota mensal”, conta Thiago Gomes, 27 anos e 80 mil peças, que casou, mas mantém a coleção na casa da mãe. Pergunto por que ele não compra mais com tanta frequência. “Principalmente orçamento”, revelou após um longo silêncio, indicando a esposa, a alguns metros de distância, com o canto dos olhos.

A chegada das redes sociais, porém, enfraqueceu a união: os encontros agora são menores, as conversas ocorrem por Whatsapp e os fãs procuram mais referências internacionais. “Hoje tem muito menos conteúdo técnico no fórum. As pessoas já se acostumaram a ler em inglês. O fato de o LUG Brasil ser em português já foi importante, hoje não é tanto”, conta Cavalli. “Sites europeus como o Eurobricks já tem jornalistas, e muito da cobertura é feita por eles, e não pelos fãs.”



Money, it's gas

“Acumuladores, alegrem-se. Caixas de LEGO historicamente são um investimento mais confiável e certo que as ações de qualquer uma das empresas do Financial Times Stock Exchange 100 Index [lista variável com as 100 empresas de maior índice de capitalização na bolsa de valores de Londres em um dado momento]. Desde 2000, os sets em boas condições aumentam de valor cerca de 12% ao ano, contra um aumento total de apenas 4,1% entre as empresas mais valiosas do Reino Unido.”

Esse é um trecho do Guia de Investimentos do jornal britânico The Daily Telegraph. O livro sai por 14,99 libras na loja virtual do jornal, de linha editorial assumidamente conservadora. E antes que você se pergunte: não, não é uma peça de humor. “Qualquer conjunto maior, de mais qualidade, se ficar com você por uns dez anos, irá valorizar pelo menos um pouco. Eu nunca vi um depreciar nesse período”, afirma no livro Ed Maciorowski, dono da Brickpicker.com.

O site é a bolsa de valores do mercado de colecionadores de LEGO. Um letreiro móvel na página inicial do site mostra as melhores oportunidades de investimento do dia. No início de junho de 2017, um caça A-Wing da saga Star Wars novo, na caixa, valia US\$ 32,27 nos EUA, uma alta de 33,35%. Fãs do Reino Unido, por outro lado, podem desistir de vender o conjunto de número

75175-1 para ajudar com o aluguel. Por lá, mesmo em perfeito estado, o valor da nave caiu 3,06% e estacionou em £ 19.33.

Acontece que a demanda pelo brinquedo não se satisfaz só com doações e lotes de peças enviados pela própria LEGO. Convenções como a BrickCon, organizada anualmente em Seattle, nos EUA, unem mais de 10 mil fãs e visitantes. Vários criadores da “elite” do hobby, que expõem criações colaborativas com alguns metros quadrados de extensão, usam peças raras, já fora de linha, em suas construções. Como bons geeks, fãs de LEGO também valorizam itens antigos na caixa, de preferência lacrados, como cápsulas do tempo. “Eu vi maluco pagando 6 mil euros (mais de 20 mil reais) por uma Millennium Falcon UCS [edição de colecionador]. Se você pega um ou dois caras desses, você mata do coração todos os colecionadores de Hot Wheels”, comenta Cavalli.

Quem dá conta desse mercado paralelo é o Bricklink, espécie de eBay dedicado exclusivamente às peças. Seu banco de dados ajuda a explicar a popularidade do brinquedo entre adultos. Dos tijolos mais clássicos, vermelhos com oito bolinhas, aos mais especializados, como peças inteiriças para representar a cauda de um avião ou um casco de navio, a LEGO já produziu pelo menos 46.064 elementos diferentes — boa parte deles em bem mais de uma cor. São 13.770 conjuntos, e 9.345 figurinhas.

Algumas das 12.227 lojas concentram com facilidade 2 milhões de peças em estoque. É possível, por exemplo, comprar 20 unidades de um tijolinho conhecido como Blue Plate, Modified 1 x 1 with Clip Horizontal (em bom português, uma pequena placa azul com um gancho na ponta) no vendedor alemão German Brick Circus Bulk por 0,15 centavos de real cada um. É comum que fãs projetem

suas criações de antemão, no computador ou no papel, e então encomendem de várias lojas diferentes pequenas porções de itens selecionados à mão, nas cores e quantidades exatas para o projeto.

“Eu passo algo entre 60 e 70 horas por semana cuidando da loja, e ela também é um emprego em período integral para três outras pessoas”, afirma no blog The Brothers Brick o dono anônimo da Plastic Bricks Direct, uma das maiores e mais famosas lojas do Bricklink. “Depois de implorar por um ano, consegui convencer minha esposa a deixar seu emprego em tempo integral em uma empresa de rede nacional para se juntar a mim na administração do negócio.” Seu estoque é uma floresta de caixas e gaveteiros de plástico com 232 m². A aparência é a do setor de ferramentas de uma loja de materiais de construção, mas com um toque de cor.

Quem poderá nos salvar?

Com uma demanda dessas, é difícil de acreditar que a LEGO já esteve em crise um dia – em 2004, a empresa anunciou prejuízo recorde de cerca de R\$ 370 milhões. No começo da década passada, nem o investimento na terceira unidade de seu parque de diversões temático, inaugurado na Alemanha em 2002, deu resultado. O truque para manter a LEGO viva foi justamente abrir as portas da empresa, que não tinha o hábito de ouvir o público – e satisfazer a demanda inesperada de adultos de óculos por um set um pouquinho mais complicado que a média.

A linha Mindstorms, lançada em 1998 em parceria com o Instituto de Tecnologia de Massachusetts (MIT), foi um sonho digno do seriado The Big Bang Theory. Os conjuntos, que hoje, nas versões atualizadas, não saem por menos de R\$ 2 mil, consistiam em robôs sensíveis a luz, sons e toque, controlados por um computador do tamanho de um celular que permitia dezenas de funções diferentes. Com três semanas de mercado, estudantes quebraram o código do brinquedo novo e criaram robôs de plástico programáveis capazes de participar de torneios e gincanas – que envolvem até uma espécie de sumo especialmente popular no Youtube (onde a palavra chave LEGO gera 34 milhões de resultados).



“Depois de formado, você começa a ganhar o próprio dinheiro, percebe que não deve satisfação a ninguém e começa a comprar [LEGO] de novo.”

“A LEGO pensava, é claro, em vender mais para crianças”, conta Ildefonso Zanette depois de nossa visita à loja do Seu Mário. “Então ela lança o Mindstorms e em semanas um hacker faz engenharia reversa e começa a criar programas exclusivos para o conjunto. Os originais eram muito limitados.”

Dudu foi um dos milhares de fãs que se apossou do potencial oculto das peças inteligentes para inventar moda em casa. Se orgulha de algo que chamou “máquina de splash” – usada para fazer fotos, com câmera profissional, do momento exato em que uma gota d’água se choca contra uma superfície. É um truque simples: o primeiro passo é manter o obturador da máquina aberto, como em uma foto de longa exposição, em um ambiente escuro, já montada no tripé. Depois, basta programar o sensor de movimento do robô para disparar um flash de luz no momento exato em que a água toca o chão. O resultado é uma foto típica do Flickr.

O serviço de hospedagem de fotos não abriga apenas imagens feitas usando os blocos como ferramenta como também boa parte das fotos dos blocos em si. Por lá, o maior dos grupos dedicados aos MOCs – sigla em inglês para My Own Creation, “minha própria criação” – tem mais de 17 mil membros ativos.

A crise, é claro, ficou no passado. Em 2016, aniversário de 85 anos da empresa, o resultado da operação foi o ápice de uma década de recordes: 37,9 bilhões de coroas dinamarquesas, algo como 5,4 bilhões de dólares. Prova de que fazer pais comprarem brinquedos para seus filhos é uma boa ideia. Mas fazer eles comprarem brinquedos para si mesmo é melhor ainda. Com uma das comunidades de fãs mais fiéis do mundo, o brinquedo mais analógico de todos está sobrevivendo, com folga, à era digital.

A goma é gringa sim, senhor

por Matheus Pimentel

Era uma vez dois franceses que resolveram se meter com música brasileira em São Paulo

Por trás do selo de discos independente Goma Gringa estão dois homens cujos nomes não escondem a origem francesa: Frédéric Thiphagne e Matthieu Hebrard. O primeiro tem 33 anos e é de Lyon, o segundo é um parisiense de 47. São os gringos do nome. Em comum, o gosto pela música da África ocidental e, mais tarde, pela brasileira. O selo ainda jovem vem se destacando para quem acompanha a cena da música em São Paulo.

Embora o que se passou com os dois após chegar ao Brasil tenha sido inusitado (se meter com música que pouco conheciam ainda na França), a razão da vinda é “uma história clássica”, como define o próprio Frédéric: apaixonar-se por uma brasileira, arrumar as malas e não retornar mais. E ambos seguem casados.

Ao se mudar para São Paulo, em 2011, Frédéric passou a trazer discos da Europa para revender no Brasil. Sons principalmente do oeste da África. Interessado nos títulos, Matthieu se tornou um dos seus principais clientes. Papo vai, papo vem, os dois franceses que gostam do mesmo tipo de música acabaram criando uma amizade.

“O que ligou a gente na mesma onda foi bem a música afro, mais do que a brasileira”, me revela Matthieu em um início de noite gelado na Vila Madalena, zona oeste da cidade. A música feita em ex-colônias francesas ou em outros países africanos, como a Nigéria, tem um público grande da França, e os dois cultivaram esse mesmo gosto.

A origem do selo tem um tom de anedota: Frédéric queria adquirir um exemplar do disco “Bahia Fantástica” (2012), de Rodrigo Campos. Matthieu conhecia o músico paulista e levou o compatriota, nos inícios de 2013, para a casa de Rodrigo, a fim de fazer a ponte. Afinal, se você quer comprar um disco e tem a oportunidade de conhecer o autor, por que não? “A gente passou um momento maravilhoso lá, a gente vai embora e o Matthieu me dá uma carona. Na volta desse encontro, ele comentou: ‘poxa, e um selo? você já pensou em montar um selo?’”. “Quem sabe um dia”, respondeu Frédéric, e a ideia fora plantada ali.

“Nasceram ideias malucas, projetos maiores do que é hoje. ‘Vamos produzir música, vamos fazer um estúdio, vamos gravar’. Só maluquice. Das maluquices, o mais razoável e o que dava para fazer era um selo”, lembra Matthieu.

Em outubro do mesmo ano saiu o primeiro disco com o logotipo da Goma Gringa: relançamento de “Sorrow, Tears and Blood” (1977), de Fela Kuti. Aí não pararam mais.

“Eu percebi que aqui ninguém tinha acesso a esses discos novos que eram lançados principalmente na Europa”, me diz Frédéric em um café no centro de São Paulo, se referindo à música da África ocidental, pela qual tinha particular interesse meses antes de o selo surgir. “Quando aparecia, era um preço exorbitante”, duas, três, quatro vezes o equivalente ao que se pagava na Europa. E ele acreditava que existia um público brasileiro para esse tipo de música em vinil.

Eis que a ideia dos dois franceses, ao arquitetar a Goma Gringa, era obter lançamentos de selos europeus com estilo semelhante — como o alemão Analog Africa e os ingleses Jazzman e Soundway — e pensar edições idênticas no Brasil. Frédéric tinha contato com pessoas desse meio, da época em que trabalhava em Paris e com o blog de pesquisa musical que ainda mantém, o Les Mains Noires (“As mãos negras”, em bom português).

Foi o caso do “Sorrow, Tears and Blood”. Mas logo eles tiveram vontade de montar um catálogo original, com trabalho próprio, e largaram o plano inicial.

Se enturmando

Matthieu é músico de formação, estudou baixo acústico e violoncelo em um conservatório na França. Logo depois de se instalar em São Paulo, passou a frequentar a escola de música Groove, na zona oeste, por recomendação de amigos franceses. “Eu fui para encontrar gente. Quando você é músico, escola de música é o melhor lugar: ou você se interessa pelos professores ou se interessa pelos alunos”.

Então ele conheceu Marcelo Cabral, Mariana Aydar, Gui Amabis, entre tantos outros. Participou de algumas bandas, como o grupo Curima, de músicas de umbanda, e Gadiamb. Pelo MySpace, rede social hoje esquecida, mas que foi um dos primeiros recantos da internet para músicos, entrou em contato com artistas ligados a sonoridades de umbanda e candomblé, como Alessandra Leão e Kiko Dinucci.

Não tardou até conviver com os principais músicos da cena paulistana contemporânea. Entre eles Juçara Marçal, Thiago França, Romulo Fróes e Rodrigo Campos, que, sem querer, participou do dia em que o selo foi gestado. Sobre o Metá Metá (banda de Juçara, Thiago e Kiko), os donos do selo são elogiosos: “é genuíno, tem algo acontecendo com eles”, diz Frédéric; “têm uma coisa que nunca foi experimentada antes, um lado africano”, atesta Matthieu.

Dos 15 títulos lançados ou relançados pelo selo até hoje, 11 envolvem essa turma toda. Dos quatro que restam, apenas um é brasileiro: “Tribo Massâni estrelando Embaixador”. É uma daquelas joias esquecidas, mas redescobertas décadas depois e cujas poucas cópias originais passam a ter preços nas alturas. Chegou a custar R\$ 7.000.

Sobre esse disco, Matthieu conta que foi o primeiro trabalho da Goma Gringa que lhes deu visibilidade na área. Os relançamentos até então eram piratas (sem autorização dos detentores dos direitos autorais). E, como trunfo, eles tinham impressa no encarte a história de Embaixador — figura curiosa que também atendia pelo nome de Sebastião Rosa de Oliveira, músico frequente na noite carioca nos anos 1960 e que trabalhou na TV e no rádio, atuou nos filmes “Roberto Carlos em ritmo de aventura” (1968) e “Quilombo” (1984), mas morreu no esquecimento em 1996. A pesquisa inédita foi feita pelo amigo jornalista Itamar Dantas.

“Tribo Massáhi”, de 1971, tem tudo a ver com a linha do selo, como atestam estas palavras do encarte original mantidas no relançamento: “Este é um som formado no Brasil. Com todos os membros brasileiros. Mas a finalidade é mostrar a música jovem africana, com todas as suas nuances que caracterizam as origens da música do continente negro”.

Com a turma do Metá Metá e companhia têm uma relação de amizade. São artistas que disponibilizam as músicas gratuitamente na internet. Para quem faz questão de ter o LP, prensam alguns dos seus trabalhos com a Goma Gringa e em troca recebem uma parcela dos discos, que vendem por conta própria nos shows. E assim vai.

As gomas

Os vinis estavam sendo prensados na fábrica da Polysom. Do disco “MM3” em diante, a parceria passou a ser com a recém-criada Vinil Brasil, alardeada em 2016 na imprensa como uma fábrica que iria até quadruplicar a produção nacional. Mas houve atrasos da Vinil Brasil que somaram mais de um ano. Eles garantem que “agora vai” e o terceiro disco do Metá Metá será lançado muito em breve.

Com a longa pausa na prensagem do catálogo, precisaram encontrar uma alternativa para movimentar o selo. Lançaram então o que chamam de “garimpo”. A receita é simples: convidam um amigo colecionador de vinis, que decide quais discos quer pôr à venda. O valor é dividido entre ambas as partes. Ou mesmo revendem discos novos importados ou nacionais de outros selos.

“Eu acho que não tem muita coisa realmente nova na música”

“O público de vinil é um nicho, dentro dele tem vários: tem o cara que só compra originais, o cara que só compra discos novos, o que tem interesse na cena nova, outro em coisa antiga. Tá tudo meio que dividido”, pontua Frédéric. Com a novidade, eles puderam, sem querer querendo, atingir um público mais amplo. Nas redes sociais da Goma Gringa, o aviso repentino de que há uma nova leva de discos “garimpados” cria um clima de que é melhor correr para conseguir o seu. As joias se esgotam com rapidez. De quebra, ganharam mais seguidores. Na seção, os preços vão de R\$ 25 até salgados R\$ 750.

No catálogo próprio, seguem uma linha de gosto pessoal, com três eixos: cena contemporânea brasileira (sobretudo paulistana), relançamentos de discos da África ocidental entre os anos 1960 e 1970 e relançamentos de discos afrobrasileiros mais antigos.

Frédéric e Matthieu montaram em 2016 o LP “Desconstrução, a portrait of São Paulo’s musical scene”, com o intuito de disseminar o selo e o trabalho de músicos paulistanos para o exterior. Com a parceria do selo holandês Rush Hour, lançaram a coletânea na Europa. As vendas por lá foram boas. Matthieu credita o sucesso à fama crescente do Metá Metá no exterior, com sucessivas aparições em festivais de música. No Brasil, onde o repertório e discografia desses artistas já são mais conhecidos, a recepção foi mais contida.

Os gringos

Matthieu é músico, mas só nas horas vagas. Nos shows com amigos, em locais como Mundo Pensante e Serralheria, toca baixo — acústico e elétrico. “Eu prefiro guardar o lado superpositivo de tocar pelo prazer do que me desesperar pelos cachês que a gente recebe tocando em casas de show. Para música dar dinheiro, você tem que ter uma vida bem cheia. Eu desisti dessa ideia, eu queria ter família. Dos meus amigos músicos, poucos têm filhos”. Pai de dois, ele lembra que a mesma coisa vale para o selo: a paixão é o que move, não é dali que tira o sustento.



Como ocupação principal, é professor primário no Liceu Pasteur, rede de escolas francesas que existe em diversos países e tem uma sede em São Paulo, atividade que pratica desde quando morava em Paris. Às crianças, ensina de quase tudo, como história, matemática e gramática. Não dá aula de música, mas organiza projetos musicais com frequência na escola. Conta que em 2016, por ocasião dos 50 anos do consagrado disco “Os Afro-Sambas”, de Baden Powell e Vinicius de Moraes, organizou um espetáculo com os alunos. Muitos pais e mães reclamaram, por conta da marca do candomblé nas músicas — é a cultura francesa de um ensino sem religião falando mais alto, garante Matthieu.

“Eu descobri música brasileira no Brasil. Fora do Brasil a gente tem a MPB só (pode ser que agora evoluiu um pouco) e a bossa nova, que toca nos rádios ainda hoje”, conta Matthieu, que “ficou louco” ao descobrir ritmos populares como o coco. Aventurou-se por várias vertentes do samba, como Clementina de Jesus, Nelson Sargento, Jair do Cavaquinho e Paulinho da Viola. Diz que não aprecia muito Chico Buarque, e brinco que é melhor ele falar baixo.

Ao contrário do parceiro, Frédéric não tem um emprego fixo. Pesquisador de discos de 78 rotações (o antecessor do vinil) da música brasileira na década de 1930, ele faz outros trabalhos à parte para pagar as contas. Designer de profissão, formou-se em fotografia na França, e trabalha com a parte gráfica dos discos. Brinca que só sabe tocar flauta doce, discotecou por um tempo e já arriscou samplear, mas o negócio mesmo é ficar do outro lado, ouvindo e garimpando.

Sobre a pesquisa a que se dedica hoje, diz que ficou estupefato ao chegar no Brasil e resolver escavar a música brasileira: “foi como abrir uma porta para dar uma olhada e entrar na caverna do Ali Babá”. Tiro e queda: se apaixonou e não larga mais o osso. “Até hoje eu não vi nada, é sem fim, tem uns caras colecionando que têm 5 mil, 6 mil, 10 mil discos e não têm tudo ainda”. Assim como Matthieu, pouco conhecia quando morava na França.

Ele estima que a Goma Gringa preenche entre 70% e 80% da vida profissional, mas quer chegar aos 100%. Os dois trabalham de casa e pouco se veem pessoalmente, embora a comunicação seja constante pelo Telegram. Quando se encontram, evitam falar sobre música, e o papo toma outros rumos. Guardam em casa os estoques de discos, só de embalagens são três grandes pilhas. Abrir um escritório é um desejo comum que, asseguram, deve se concretizar ainda em 2017. Uma loja física no futuro “quem sabe”, mas a princípio parece uma empreitada muito custosa para pouco retorno.

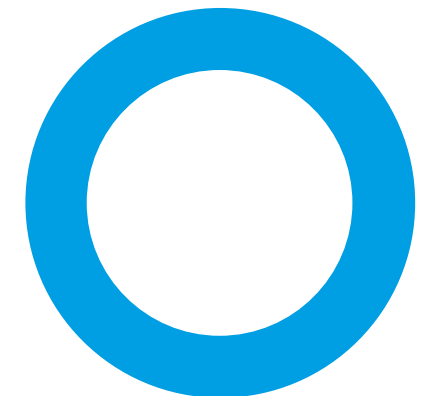
O velho sempre vem

Frédéric reconhece as limitações de mexer com música, ainda mais com vinil. Afirma que adoraria lançar uma coletânea pelo selo com achados da época dos 78 rpm, mas não é viável comercialmente, que comprariam “uns 50 doidos que nem eu”. Mas mantém o plano e busca apoio via edital, sem revelar nenhum nome que consta no projeto.

Quando pergunto quais discos almeja lançar, Matthieu prefere não falar, diz que dá azar e é melhor manter segredo. O temor é outro selo passar na frente, o que já aconteceu.

“Mais que um título, o sonho é trabalhar com as majors no Brasil”, diz Frédéric. As grandes gravadoras, como Universal e Warner, detêm a maior parte do mercado da música no país e são donas de catálogos vastos cujo conteúdo elas mesmas não conhecem por inteiro. A causa disso são as sucessivas aquisições de selos no mercado fonográfico brasileiro nas últimas décadas. Frédéric conta que elas não têm interesse em relançar discos antigos fora dos clássicos, mesmo quando procuradas por selos independentes para uma parceria. Ele gostaria de resgatar “compactos obscuros” dos anos 1960, embora diga com certo humor que já é uma época muito moderna para ele, apreciador de músicas mais antigas.

E Matthieu decreta, na mesma sintonia: “Eu tenho interesse pela música velha, não tanto pela música nova. Eu acho que não tem muita coisa realmente nova”.



Confira Online

Desbravadoras

[sororidade] [ajuda] [empatia]

Jaçanã *Romanos 8:1*

O divórcio da oferta com a demanda

Selfie-Centred

Darwinismo futebolístico

Aos desgraçados, o que é de desgraça

Muito mais que só uma droga

Encontros, desencontros e

reencontros A dor do prazer

Bicho, eu nunca vendi tanta corda de guitarra

www.usp.br/cje/babel

Universidade de São Paulo - Reitor: Marco Antônio Zago. Vice-Reitor: Vahan Agopyan. Escola de Comunicações e Artes - Diretor: Eduardo Monteiro. Vice-Diretora: Brasilina Passarelli. Departamento de Jornalismo e Editoração - Chefe: Dennis de Oliveira. Vice-chefe: Elizabeth Saad. Professor Responsável: Cláudio Tognoli. Revista Babel - Secretário de Redação: Cesar Isoldi. Editores de Arte: Leandro Bernardo e Vitor Andrade. Repórteres: Bruno Vaiano, Carolina Oliveira, Dimitria Coutinho, Fernanda Guillen, Gabriel Margato, Gabriela Sarmiento, Guilherme Eler, Isabela Augusto, Juliana Fontoura, Juliana Meres, Leonardo Milano, Letícia Paiva, Marcela Campos, Marcelo Grava, Matheus Pimentel, Matheus Sacramento, Pedro Passos, Rafael de Luca, Roberta Vassalo, Thaís Matos, Thiago Castro, Vinícius Andrade e Vitória Batistoti. A Revista Babel é produzida pelos alunos do 7º semestre do curso de Jornalismo, como parte da disciplina Laboratório de Jornalismo - Revista.

